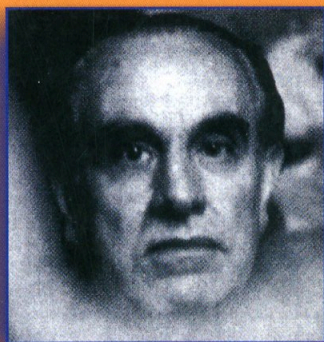
Jean-Paul Lippi

Quem sou eu?
pequenas biografias

JULIUS EVOLA

colecção

Quem sou eu?

NOTA SOBRE O AUTOR

Diplomado pelo Instituto de Estudos Políticos de Aix-en-Provence e doutorado em Direito, Jean-Paul Lippi é o autor de um estudo intitulado *Julius Evola, métaphysicien et penseur politique. Essai d'analyse structurale* (L'Âge d'Homme, Lausanne, 1998). Colaborou em inúmeras obras e publicações relacionadas com o tema da Tradição.

DO MESMO AUTOR

Julius Evola, métaphysicien et penseur politique, L'Âge d'Homme, 1998

Mitra matando o touro, símbolo colocado na capa de *Ur*, adoptado pela Fundação Julius Evola.

Jean-Paul Lippi

Tradução de
Pedro Sinde

JULIUS EVOLA

HUGIN

2000

Editor: Hugin Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009-001 Lisboa
Tel.: 21 813 0139 - Fax: 21 814 4212
Email: hugin@esoterica.pt

Tradução: Pedro Sinde

Composição e maquetagem: Hugin Editores, Lda.

Montagem e impressão: SIG - Sociedade Industrial Gráfica

ISBN: 972-8534-72-8

Depósito Legal: 151296/00

Primeira edição: Maio de 2000

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O ESTRANGEIRO DA LONGA MEMÓRIA

Giulio Cesare Evola, que optará por latinizar o seu nome próprio como testemunho da sua fidelidade aos ideais que julgava terem influenciado a formação da romanidade imperial, nasceu em Roma, a 19 de Maio de 1898, e morreu na mesma cidade, a 11 de Junho de 1974, na casa paterna, sentado à sua mesa de trabalho, à qual tinha pedido que o levassem, ele cujas pernas estavam paralisadas desde há cerca de três décadas, como consequência de um bombardeamento soviético sobre Viena em Abril de 1945.

Personagem definitivamente inclassificável segundo os critérios habituais, que se tornaria o homólogo italiano de René Guénon no domínio dos estudos tradicionais (seu homólogo mas não seu *alter ego*, as diferenças de sensibilidade entre os dois permanecerão sempre grandes), pertencia a uma família católica da pequena nobreza siciliana com o título

de barão. Do seu meio de origem, nada ou quase nada marcaria a formação da personalidade do jovem Evola, assim o afirma a sua autobiografia espiritual de 1963 intitulada *O Caminho do Cinábrio*[1] : «Não posso atribuir as disposições que referi à influência do meio, ou a factores hereditários (em sentido comum, biológico). Devo muito pouco ao meio, à educação, à linhagem do meu sangue. Em larga medida, encontrei-me em oposição, quer à tradição predominante no Ocidente – o cristianismo e o catolicismo –, quer à civilização actual, o "mundo moderno" democrático e materialista, para não referir a cultura e a mentalidade dominantes na nação em que nasci, a Itália, e, finalmente, o meu meio familiar. De qualquer modo a influência de tudo isto não foi senão indirecta, negativa: não provocou em mim senão reacções.»

Se a sociologia e a psicologia são impotentes para explicar o «caso» Evola, uma indicação preciosa é-nos fornecida por ele próprio. Efectivamente, convencido da legitimidade da doutrina tradicional «segundo a qual não há acontecimento importante da existência que não tenha sido escolhido por nós próprios num estado pré-natal»[2], Julius Evola considerou sempre que as duas disposições que julgava caracterizarem a sua natureza, «o impulso para a transcendência», por um lado, e a «disposição de *kshatriya*» (quer dizer, de guerreiro, no sentido tradicional do termo), por outro lado, relevavam essencialmente de «hereditariedades ocultas» que remetem para «uma recordação pré-natal residual» ou ainda «obscura».[3] A «equação pessoal» (para retomar um termo que Evola empregava de bom grado) evoliana encontraria assim a sua origem em estados anteriores à existência física do indivíduo Evola. Afirmação esta que não deixará de fazer gritar bem alto os chantres da mediocridade positivista e do materialismo dominante, por definição incapazes de considerar, se quer, a possibilidade de uma determinada «orientação congenital» (Evola *dixit*) poder guiar um homem através das contingências da existência. Afirmação esta que também explica o porquê dessa «sensação de ser estranho à realidade» que Evola experimentou durante a sua juventude[4] e da sua capacidade de permanecer «livre até ao romper de toda a ligação com a sociedade na qual viveu, estranho às rotinas profissionais, sentimentais e familiares».[5] Foi a posse daquilo que poderíamos chamar, para falar ao modo de um autor que tanto contou na sua formação intelectual, Friedrich Nietzsche, «a longa memória», que

fez de Julius Evola um estrangeiro num mundo e numa época na qual decidiu, todavia, desempenhar o papel que julgava ser o seu, baseando-se na «impessoalidade activa». Longa memória e orientação congenital que justificam plenamente que Evola escreva em jeito de balanço, uma dezena de anos antes da sua morte: «Nell'essenziale, sussiste una continuità attraverso tutte le varie fasi della mia attività, come potranno constatarlo da presso i lettori di un mio nuovo libro, che esce in questi giorni», *Il Cammino del Cinabro* [«No essencial, subsiste uma continuidade através das várias fases da minha actividade, como poderão constatar de perto os leitores do meu livro novo, que sai nestes dias, *O Caminho do Cinábrio*].[6]

> «O facto de conceber esse cimo, onde a distinção entre "Criador" e "criatura" se torna metafisicamente sem sentido, torna possível todo um sistema de realizações espirituais que, partindo das categorias do pensamento "religioso", é difícil de compreender; torna, sobretudo, possível aquilo que em calão de alpinista se chamaria uma ascensão "directa", quer dizer, uma ascensão ao longo de paredes nuas, sem pontos de apoio, sem desvios para um lado ou para o outro. Tal é em rigor o sentido da ascese budista, enquanto sistema, de agora em diante visto não mais como simples disciplina, geradora de força, de segurança e de calma inabalável, mas como sistema de realização espiritual.»
> *A Doutrina do Despertar* (1943)

Um só homem, pois, e contudo duas orientações antinómicas e aparentemente inconciliáveis, a do ser marcado pelo «desapego natural do humano relativamente a quase tudo o que é habitualmente considerado como normal, e particularmente no domínio afectivo»[7], e a do guerreiro movido pelo «impulso para posições claras, sem compromisso, uma espécie de intrepidez intelectual exprimindo-se, com excepção de certas manifestações polémicas, com coerência e rigor lógico» e irresistivelmente propenso «à acção, à afirmação livre centrada no Eu».[8] Uma tal paisagem mental poderia ter conduzido o seu possuidor ao pior. E disso Evola estava perfeitamente consciente: «Pode-se dizer, escreve ele, que temperar as duas tendências foi o objectivo existencial de toda a minha vida. Libertar-

me e evitar, desse modo, o desmoronamento foi-me possível a partir do momento em que consegui assumir a essência dos dois impulsos num plano superior.»[9]

A presente obra pretende ser o relato dessa procura, coroada de sucesso, de um equilíbrio superior, procura que levou Evola, para lá das diversas «máscaras» que assumiu (do artista iconoclasta ao sobrevivente num mundo de ruínas, passando pelo gibelino revoltado), à descoberta do seu verdadeiro rosto, o desse «homem diferenciado» finalmente possuidor do «cinábrio» ao qual se reporta uma das suas obras mais extraordinárias e, sem dúvida, a pior compreendida por aqueles a quem ela se dirige, *Cavalgar o Tigre*.

Desenho de Franco Bevilacqua.

PRIMEIRA PARTE

O JOVEM FASCINADO PELO ABSOLUTO

(O TEMPO DAS CRISES E DA FORMAÇÃO)

«É por isso que, num primeiro momento, só uma orientação congenital me guiou; a clarificação e a precisão das ideias vieram depois, com a ampliação das minhas experiências e dos meus conhecimentos.» Le Chemin du Cinabre, *Archè-Arktos, Milan-Carmagnole, 1982, tradução de Philippe Baillet, «Avertissement», p. 4.*

Julius Evola, jovem oficial de artilharia, fotografado no Monte Cimone em 1917.

CAPÍTULO I

O ARTISTA ICONOCLASTA

No final da primeira guerra mundial, durante a qual serviu na qualidade de voluntário, como alferes da artilharia depois de ter feito em Turino um curso acelerado, Julius Evola tem vinte anos. Esta guerra, o jovem tinha-a desejado. Não que alguma vez tenha sido suficientemente ingénuo para acreditar verdadeiramente naquilo a que chamará mais tarde, com um desprezo plenamente justificado, «os lugar-comuns do patriotismo mais caduco da propaganda anti-germânica»[10] e outras banalidades que pretendiam elevar o conflito ao nível de uma «guerra pela defesa da civilização e da liberdade contra o bárbaro e o agressor».[11] A ideia de uma culpabilidade principial (para não dizer ontológica) da Alemanha permanece estranha a Evola, cujas simpatias vão já naturalmente para os Impérios centrais, o que o leva a escrever um artigo no qual afirma que « ainda quando queríamos combater contra a Alemanha e não ao seu lado, era necessário fazê-lo abraçando os seus próprios princípios, e não em nome de ideologias nacionalistas e irredentistas, ou de ideologias democráticas, sentimentais e hipócritas da propaganda aliada».[12] Se a guerra lhe parecia necessária era apenas enquanto «puro facto revolucionário»[13], como um meio de a Itália romper com a lógica de uma sociedade cujo clima «sufocante» ele dificilmente suporta. É que o Evola do imediato pré-guerra leu Giovanni Papini nas revistas *Leonardo*, *Lacerba* e, posteriormente, em *La Voce*, e guarda a saudade daquilo que considera como «o único *Sturm und Drang* que [a sua] nação conheceu»[14], a nostalgia deste despertar, meio real meio sonhado, de forças espiritualmente

aristocráticas dirigidas contra a hegemonia burguesa e os valores materialistas e utilitaristas sobre os quais os mestres do mundo assentam obscenamente a sua dominação. Esses valores que Evola detesta desde sempre e que continuará a condenar até ao seu último suspiro. Esses mesmos contra os quais brevemente se erguerá o fascismo naquilo que terá, sem dúvida, de melhor.

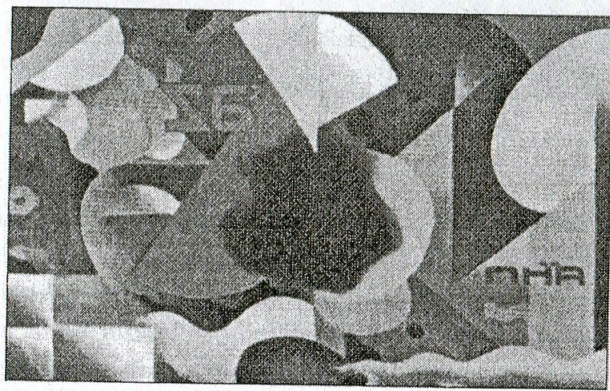
A experiência da vida militar é, contudo, uma decepção, sem participação em operações de envergadura. As «tempestades de aço» que tanto contarão na formação pessoal de um Ernst Jünger não se encontram todos os dias; menos ainda a bravura cavaleiresca ou o heroísmo «à antiga» dos combates homem-a-homem. Mas, apesar de tudo, a guerra é a ocasião de uma ruptura. Evola, tendo voltado a paz novamente, vê acontecer, efectivamente, uma grave crise interior provocada por aquilo que descreve como «o sentimento da inconsistência e da superficialidade dos objectivos por que se movem normalmente as actividades humanas».[15] Uma tal percepção, do absurdo de todas as coisas, está em parte ligada à decepção sentida perante o comportamento de homens que o Evola adolescente admirara ou com os quais pouco tempo antes simpatizara. Giovanni Papini, transformado num escritor conformista, não evoca mais em nada o pensador fulgurante que o entusiasmara. Os membros do grupo futurista, com alguns dos quais Evola tinha estado muito ligado, particularmente o pintor Giacomo Balla ou o próprio Filippo Tommaso Marinetti, depressa se uniram à causa da Tripla Aliança por razões nacionalistas e «morais». O autor do *Manifesto do futurismo*, chocado por uma das suas tomadas de posição que não podia compreender, tinha-lhe declarado desde 1915: «As tuas ideias estão mais longe das minhas do que as de um esquimó.»[16]

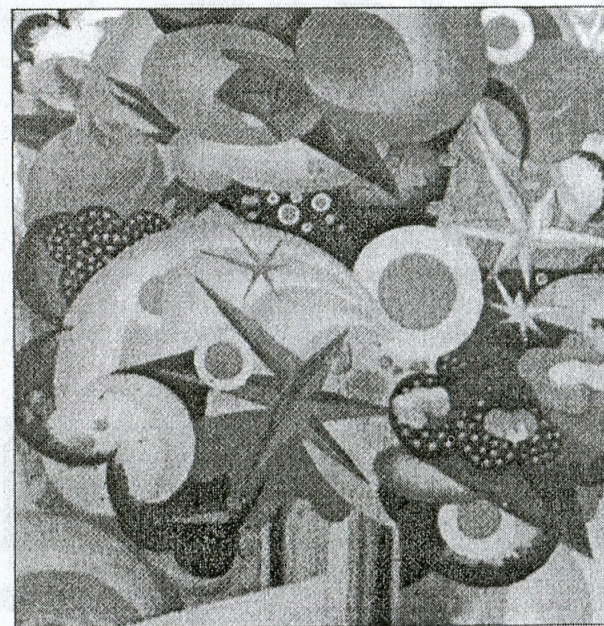
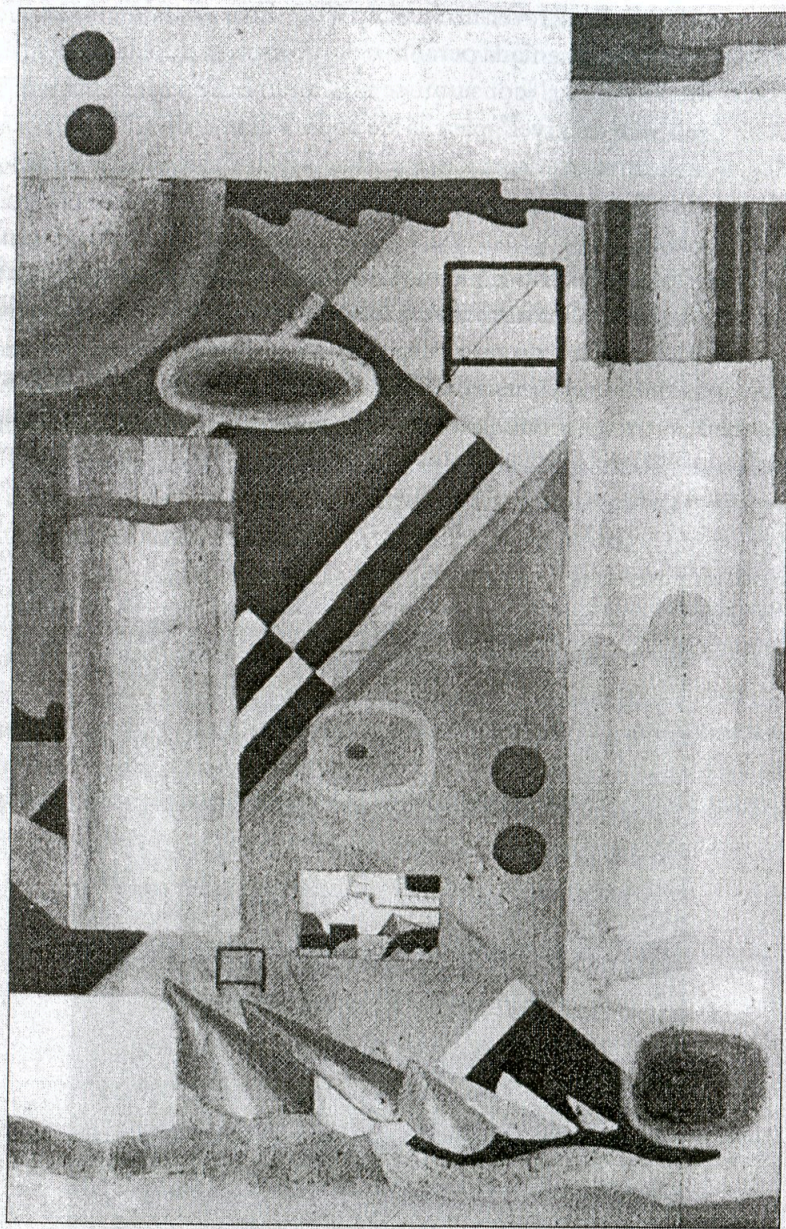
Em busca de uma Via que lhe permitisse escapar a um mundo cuja insignificância percebe cada vez mais profundamente, Evola, do mesmo modo que um René Daumal, experimenta então diversas drogas, tendo como única consequência o agravamento da crise. A situação atinge o paroxismo no início dos anos vinte quando pensa no suicídio, à imagem de dois autores cujas obras lhe são desde longa data familiares, Otto Weininger e Carlo Michaelstaedter. Mas produz-se um acontecimento, «qualquer coisa de semelhante a uma iluminação»[17], que o dissuade. Desesperado, descobre um texto budista, o *Majjhimanikâyo*, através da leitura

do qual toma consciência de que aquele que aspira à "extinção" não pode conhecer o que deseja, precisamente pelo simples facto de que o deseja. «Foi para mim como uma súbita luz, comentará ele. Senti que este desejo de acabar, era um vínculo, uma "ignorância", oposta à verdadeira liberdade.[18]» Dessa experiência, a que podemos chamar autenticamente iniciática, nascerá, uma vintena de anos mais tarde, um livro, *A Doutrina do Despertar. Ensaio sobre a ascese budista* [19], através do qual aquele a quem o ensinamento do Buda tinha salvo pagará a dívida contraída. Mas dela sairá, sobretudo, um homem regenerado, ora avante dotado de uma «firmeza capaz de resistir a toda a crise».[20]

«Prisioneiro austríaco», aguarela de Evola, 1919.

Esse homem novo, idêntico, todavia, ao que sempre foi e não deixará nunca de ser, confronta-se, apesar de tudo, com um problema incisivo, o de conseguir controlar aquilo que sente como «uma força despertada e não susceptível de se exaurir nas actividades comuns»[21]. Essa força, vai tentar aplicá-la na arte, logo quando ainda se faziam sentir os últimos efeitos dessa crise que não o conseguiu dominar. Não numa arte qualquer, mas no dadaísmo. Este, com efeito, atrai-o pelo seu radicalismo e pela sua

vontade de obter o que lhe aparecia como «uma libertação absoluta pela subversão de todas as categorias lógicas, éticas e estéticas»[22], características que lhe parecem aproximar o movimento de Tristan Tzara do Ch'an e do Zen e o tornam de todo irrecuperável por aquela burguesia dominante, mais execrável que nunca. Evola pinta bastante (a sua produção eleva-se em poucos meses a várias dezenas de telas) e expõe as suas obras tanto em Itália, por exemplo duas vezes na Galeria romana Bragaglia ou ainda em Milão, bem como no estrangeiro (Geneva, Lausana, Paris, Berlim). Escreve também poemas, que não serão reunidos e publicados senão alguns anos mais tarde, sob o título *Raâga Blanda. Composizioni: 1916-1922*[23], e em particular uma composição redigida em francês e intitulada *La Parole obscure du paysage intérieur*, publicada em 1920 sob a forma de uma edição na colecção «Dada» de Zurique com uma tiragem de 99 exemplares numerados. Este magnífico «poema a quatro vozes» põe em cena «os quatro elementais da vida interior», a saber a vontade, o sentimento, a contemplação descritiva e a abstracção desinteressada, envolvidos num diálogo que se pode classificar, sem nenhum exagero, de «gnóstico». Paralelamente às suas actividades dadaístas, interessa-se de forma geral pela arte abstracta, na qual procura «a expressão do esforço para o incondicionado» com base «numa consciência espiritual desconhecida, impassível e dominadora mais do que extática que deveria ter tido como expressão típica a agitação arbitrária das formas».[24] Ele redige, aliás, uma brochura sobre este tema intitulada *Arte astratta, posizione teorica* [Arte abstracta, posição teórica], que publicam em 1920 os editores romanos Maglioni e Strini.

«A palavra obscura», óleo sobre cartão representativa do período dadaísta.

Mas o interesse de Evola pela arte esgota-se rapidamente e ele pára de pintar em 1921 e de escrever no final de 1922. Este afastamento explica-se pela decepção experimentada perante o duplo espectáculo de um dadaísmo que se traiu ao recusar «consumir-se a si mesmo na experiência de uma efectiva "ruptura de nível" para lá de toda a arte e de toda a expressão análoga », e de uma arte abstracta que «acabaria no convencionalismo e no academismo»[25], numa palavra no emburguesamento letal de algo que constituia na sua origem uma forma de «revolta contra o mundo moderno», que é o mesmo que dizer contra a ordem burguesa e os seus dois pilares, o individualismo mesquinho e moralizador e a pequena razão calculadora. A moda é de agora em diante o surrealismo, que Evola não aprecia, julgando-o «regressivo». Parece-lhe ter chegado o tempo de virar a página e o artista iconoclasta vai dar lugar ao filósofo à margem da filosofia.

«Flores», óleo sobre cartão, 1919.

«Paisagem interior», óleo sobre tela, 1918-1920.

CAPÍTULO II

O FILÓSOFO À MARGEM DA FILOSOFIA

O período filosófico, ou «especulativo», da vida de Julius Evola estende-se entre 1923 e 1927, embora algumas publicações sejam posteriores a essa data. Mas é um filósofo de um género pelo menos pouco habitual, que afirmará um dia que: «Do mesmo modo que a arte tinha tido para [si] um pano de fundo extra-artístico, assim também a filosofia encontraria o seu pano de fundo fora de si.»[26] Porque a caminhada evoliana se distingue radicalmente do que Artur Schopenhauer classificou desdenhosamente de «filosofia de professores dos professores de filosofia». De facto, se Evola se dedica durante algum tempo à filosofia, é numa óptica muito particular, procurando estabelecer uma conexão entre essa disciplina e doutrinas sapienciais, essencialmente orientais, ao ponto de chegar às vezes a uma «miscelânea» (a expressão é do próprio Evola). O facto de que o «elo de ligação» (Evola *dixit* aqui também) entre o período artístico e o período filosófico seja constituído pela publicação nas edições Carabba de uma brochura de apresentação do *Tao Te King* de Lao Tsé é a esse respeito muito significativo, tal como o é a escolha (no limite da provocação) de uma fórmula de Jules Lagneau para exergo da primeira obra deste tipo escrita pelo pensador romano, os *Saggi sull'idealismo magico* [*Ensaios sobre o idealismo mágico*][27]: «A filosofia é a reflexão que culmina no reconhecimento da sua própria insuficiência e necessidade de uma acção absoluta partindo do interior.» Toda a aproximação evoliana à filosofia enraiza-se assim na convicção da «antecedência, ou mesmo da prioridade do fundo extra-filosófico em relação às elaborações especulativas»[28], as quais, reduzidas a

si próprias, relevariam uma absurda «subjectividade divagante», a acreditarmos na frase de uma obra mais tardia, *O Yoga tântrico*[29].

> «Tem sido esquecido com frequência que a espiritualidade exprime um modo de ser: que ela não é função do que a cabeça armazenou como noções, teorias, etc., mas do que se conseguiu fazer vibrar ao ritmo do seu próprio sangue, e que se traduz numa superioridade, numa purificação profunda da alma e do corpo.»
> *Meditações do cume dos cumes* (1974)

Se não é possível (por razões que facilmente se compreenderá) desenvolver, no contexto que é aqui o nosso, uma análise profunda das concepções filosóficas de Evola, podemos contudo indicar de modo geral as linhas de força. Considerada no seu aspecto doutrinal, a filosofia evoliana enquadra-se na grande corrente do idealismo, à qual ela dá todavia uma inflexão particular ao colar-lhe – retomando significativamente Novalis – o epiteto «mágico», chegando assim à formulação de uma teoria nova, a do «Indivíduo Absoluto» ao qual Evola consagra duas obras, *Teoria dell'Individuo Assoluto* [*Teoria do Indivíduo Absoluto*] e *Fenomenologia dell'Individuo Assoluto* [*Fenomenologia do Indivíduo Absolito*][30], bem como diversas conferências. Trata-se de, a partir de um estudo cerrado (com base nos próprios textos alemães) dos autores clássicos do pensamento idealista (nomeadamente Kant, Hegel e Schelling), chegar ao que pretendia ser «uma crítica imanente do idealismo transcendental, na sua pretensão (ou presunção) de representar o limite último do pensamento "crítico" moderno».[31] A crítica fundamental dirigida a essa Escola é a de ela se comprazer numa atitude evasiva, a do «idealismo abstracto», o Eu transcendental dos filósofos idealistas que se encontra *in fine* dissociado do Eu real. Ora, mesmo sendo evidente que o Indivíduo Absoluto não seria o retorno ao Eu no sentido banal deste termo, a necessidade não deixa de ser a de uma vivência da teoria ao nível mais concreto, quer dizer, propriamente existencial, sob a pena de se perder de vista e, logo, de degradar o que Evola chama «a totalidade vivente da pessoa».[32]

O objectivo do filósofo Evola é, então, delimitar os caminhos pelos quais é possível atingir o estado do «Eu integrado», o qual se define pela

«vontade de domínio» (fórmula que lembra evidentemente a nietzschiana «vontade de poder») e «a liberdade absoluta», entenda-se: incondicionada. Tal como o descreveria o seu amigo e biógrafo Adriano Romualdi, no seu livro de homenagem intitulado *Julius Evola, o homem e a obra*: «O verdadeiro problema para o Eu, é o de recuperar os membros dispersos do seu poder»[33], esse poder que aparece a Evola como a essência do universo mas também do próprio homem, tal como o exprime, com uma superior eloquência, o título de uma obra publicada em 1926 nas edições Atanor[34], *L'uomo come potenza* [*O homem como poder*]. A propósito deste período alguns anos mais tarde, afirmará com a sua lucidez habitual que: «Era essa a via para uma autotranscendência imanente da filosofia em geral, e [que] as obras escritas por [si] se apresentavam como uma espécie de propedêutica para o acesso eventual a um domínio que não era já o do pensamento discursivo e da especulação, mas antes o da acção interior realizadora, destinada a ultrapassar o limite humano, acção visada pelos ensinamentos de que [ele] tinha tomado conhecimento na mesma época.»[35] Entre estes ensinamentos, o tantrismo, descoberto graças a Decio Calvari e sobretudo a *sir* John Woodroffe, o autor de *O Poder da Serpente*, com quem Evola estava em contacto pessoal, tem sempre um lugar de destaque. Mas o mito mitríaco desempenhou também um papel não negligenciável, tal como o prova o artigo publicado em Março de 1926 na *Ultra – Rivista di studi e di ricerche spirituali* com o título: «A via da realização do "soi" segundo os Mistérios de Mitra», artigo este que termina com estas palavras com valor de manifesto: «O nosso desejo de infinito, [...] o nosso único valor: uma vida solar e real, uma vida de luz, de liberdade, de poder.»[36]

É necessário todavia notar que, embora elevando-se até picos quase inacesssíveis, a especulação filosófica evoliana não está isenta de uma dimensão polémica, o que explica parcialmente a sua forma. Evola sente-se fortemente irritado com os representantes da corrente neo-hegeliana italiana, particularmente os seus líderes, Benedetto Croce e Giovanni Gentile, que o exasperam pela sua estultícia de intelectuais pequeno burgueses e a sua ligação ideológica mais ou menos confessa às Luzes. É, então, também para os combater no seu próprio terreno e para «os castigar»[37] com as próprias armas do adversário que ele expõe o seu pensamento à maneira da filosofia e que emprega o que chama desdenhando «a gíria técnica e académica conveniente».[38]

Embora exaltante, a experiência filosófica depressa acaba, pelo esvaziamento das suas potencialidades e, tal como o artista iconoclasta havia cedido ao filósofo à margem da filosofia, este apaga-se perante o praticante de esoterismo.

O jovem fascinado pelo absoluto.

CAPÍTULO III

O PRATICANTE DE ESOTERISMO

Familiarizado com as doutrinas sapienciais e impulsionado, pela sua «equação pessoal», para a acção, Evola, à entrada dos trinta anos, interessa-se mais do que nunca pelo esoterismo. Situando-se na filiação de um homem que conhece de longa data, Arturo Reghini (director das revistas *Atanor* e *Ignis*, consagradas ao estudo das disciplinas iniciáticas), participa na fundação, no início de 1927, do «Grupo de Ur», explicando a escolha deste nome pelo facto de que «o vocábulo "Ur" derivava da raiz arcaica do termo "fogo", mas continha também uma outra constatação, devida ao sentido "primordial", "original", que tem, como prefixo, no alemão».[39] O Grupo vai pois continuar a obra iniciada pelas revistas, «mas acentuando sobretudo o lado prático e experiencial».[40] A sua palavra de ordem, típica da recusa às concessões que é como que a assinatura existencial de Evola, é proclamada, endereçando-se «Aos leitores» de 1927: «Conhecimento de si e, em si, do Ser. Isto, ou nada.»[41] Em suma, a liberdade ou a morte... Mas uma liberdade absoluta, radicalmente transcendente porque assente desde sempre em alturas não atingidas pelas consolações ilusórias das fés e das morais, uma liberdade que viria coroar «uma via de realização metafísica, essa realização de si para lá de tudo o que é propriamente humano».[42] Uma liberdade, pois, enfim autenticamente pós-niilista porque irredutível a tudo o que julga permanecer «humano, demasiado humano». A mesma que já procurara através da arte e da filosofia.

Afim de responder a essa exigência, Evola dirige a publicação de monografias que se apresentam sob a forma de fascículos mensais e para os quais o anonimato dos colaboradores constitui a regra. Os textos, têm

como objectivo dar a conhecer, tanto quanto é possível, a antiga ciência da transformação de si próprio, da «dignificação» (Evola *dixit*), ciência «precisa, rigorosa, metódica, [que] se foi transmitindo de boca a ouvido, de iniciado a iniciado, através de uma cadeia ininterrupta, sem que o profano se apercebesse»[43] desde a mais alta Antiguidade. Nessa óptica são publicados tanto textos clássicos (tântricos, herméticos, budistas ou ainda pitagóricos) como excertos de autores contemporâneos, frequentemente depreciados até aí (Gustav Meyrink, Giuliano Kremmerz que Evola estima particularmente, ou ainda Aleister Crowley), bem como análises relevando da simbologia. A isto se acrescentavam descrições de certas experiências,

Uma visão de Julius Evola no veio dadaísta.
Homenagem pictural de Pablo Echaurren.

tais como as tentativas para constituir cadeias mágicas. Porque o «Grupo de Ur» assume explicitamente a magia, termo que não significa que se procure produzir fenómenos mais ou menos «extraordinários», mas cuja «atenção se dirige essencialmente para a formulação especial do saber iniciático que obedece a uma atitude activa, soberana e dominadora a nível espiritual»[44]. Essa orientação teórica é seguida no plano prático, até levar à tentativa (infrutuosa) de criar «uma espécie de corpo psíquico» sobre o qual se poderia «introduzir, por evocação, uma verdadeira

influência do alto», graças à qual seria possível «até exercer, nos bastidores, uma acção sobre forças predominantes no meio geral da época»[45]. Explicitamente, os membros do Grupo propõem-se criar um *egregore*.

O «Grupo de Ur» sofreu, todavia, um duro golpe dois anos após a sua criação, quando os seus dois principais animadores se zangaram. Em 1928 é, com efeito, editado *Imperialismo pagão*. [46] Neste quase panfleto, Evola, retomando a argumentação de artigos escritos recentemente para a revista *Critica fascista* de Giuseppe Bottai (o qual, intimidado pelas reacções do órgão de imprensa do Vaticano, o *Osservatore Romano*, se afasta do seu colaborador e antigo colega de combate), expõe a sua hostilidade absoluta ao catolicismo, isto enquanto os acordos de Latrão estão em vias de ser assinados. Ora, o franco-maçon de orientação «pagã» Arturo Reghini não é estranho ao nascimento da obra, o que dá a Evola (o qual se oporá sempre, em vida, à reedição do livro) a impressão de que ele o manipulou por razões de baixa política, afim de colocar o regime mussoliniano e a Igreja um contra o outro. Não que uma tal irredutibilidade recíproca desagradasse em si mesma àquele que tinha bebido na obra de Nietzsche um anticristianismo do qual nunca abdicará. Mas o aristrocata que louva o Império romano, mesmo sem nunca pretender renegar as suas posições, não toleraria não ter sido, ainda que fosse em curta medida, apenas um peão. Ainda mais que a sua impressão se vê reforçada pelo sentimento que o próprio Reghini nutria nos bastidores para reconduzir o Grupo às mãos de uma Maçonaria oficialmente interdita mas sempre influente. A discórdia leva à separação de Arturo Reghini e à alteração do nome do Grupo, ora avante chamado «Krur», enquanto que as tentativas de acção mágica sobre o exterior cessam. A experiência prossegue durante um ano ainda, após o qual se encerra definitivamente e «Krur» desaparece. Assim termina uma tentativa quase única na história moderna do Ocidente. Tentativa que, para ter sido levada a efeito com seriedade e rigor, não excluiria a tolerância para com uma forma de provocação, num tempo que foi também o de um certo dandismo (o do monóculo, ou mesmo o das unhas pintadas de verde), herdado do período dadaísta. Tempo que foi, igualmente, o da multiplicação das conquistas femininas, experiência esta que não deixará de exercer influência na redacção, alguns anos mais tarde, de uma obra-mestra, *Metafísica do sexo*, a qual teremos ocasião de abordar.

«O axioma de todo o yoga, do *sâdhana* tântrico e das disciplinas análogas é nietzschiano: "O homem é alguma coisa que pode ser ultrapassado", sendo aqui levado muito a sério. Do mesmo modo que na iniciação em geral não se aceita ser apenas um homem. O ultrapassamento da condição humana que visam estas disciplinas é também, em graus diferentes, a condição necessária para a obtenção de um poder autêntico, pela aquisição dos *siddhi*.»
O Yoga tântrico (1949)

Mas as relações entre Evola e Reghini, tendo terminado abruptamente, não deixaram de ter uma consequência de imenso alcance. É, com efeito, a Reghini que Evola deve o ter ouvido falar pela primeira vez da obra de René Guénon. Os primeiros contactos não são muito positivos, o Francês reagiu vivamente a uma crítica de Evola à sua obra *O homem e o seu devir segundo o Vêdânta* saída no número de Novembro-Dezembro de 1925 da revista *Idealismo realistico*. A oposição parecia ainda maior em 1929 quando Evola se insurge contra um outro livro de Guénon, *Autoridade espiritual e Poder temporal*, no qual é afirmada, com base em dados tradicionais, a tese da superioridade da Contemplação sobre a Acção, e consequentemente dos *Brahmanes* sobre os *Kshatriyas*, cuja vontade de emancipação é condenada no seu princípio, qualquer que seja, no momento em que ela se exprime, a qualificação efectiva dos primeiros no plano espiritual. Evola responde em *Krur* sob a forma de uma longa recensão, igualmente intitulada «Autoridade espiritual e poder temporal», onde a argumentação de Guénon é reconduzida ao nível de simples «ponto de vista brahmanico-sacerdotal de um Oriental, o qual [...] não é senão *um* dos pontos de vista possíveis e não pode nunca pretender ter um valor absoluto e exclusivo».[47] Quanto à oposição entre *Brahmanes* e *Kshatriyas*, afirma-se aqui: «*Não se trata de uma luta entre uma autoridade espiritual e um poder temporal rebelde mas, pelo contrário, de uma luta entre duas formas distintas de autoridade igualmente espirituais e, contudo, irredutíveis.*»[48]

A hostilidade a Guénon não tarda, todavia, a esfumar-se particularmente graças a um homem excepcional, Guido Di Giorgio, ele próprio membro do «Grupo de Ur» e (a crer na descrição feita por Evola) «uma espécie de iniciado em estado selvagem e caótico»[49]. Sob a influência de Di Giorgio, Evola consegue rapidamente integrar a perspectiva guenoniana nas suas

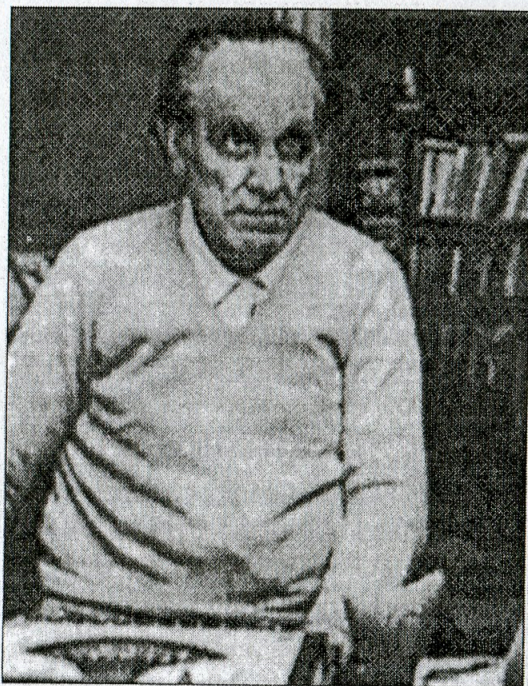
próprias concepções, a tal ponto que ele se tornou, em 1937, no tradutor italiano de *A crise do mundo moderno*. Ele junta essa perspectiva à de autores como Johann Jakob Bachofen (*O Direito maternal*, Estugarda, 1861) e Hermann Wirth (*A aurora da humanidade*, Iena, 1921), mas a primeira permanece apesar de tudo preponderante na medida em que o ajuda «a centrar num plano mais adequado todo o conjunto das [suas] ideias»[50]. O conceito eminentemente guenoniano de Tradição, entendida como a transmissão de um fundo iniciático e gnoseológico de origem não-histórica e supra-humana, o qual por consequência é anterior a todas as formas espirituais e religiosas conhecidas, e que espera ser encontrado, vai ora avante irrigar toda a obra de Evola. Certas oposições permanecerão, contudo, insuperáveis, desde logo aquela que resulta da rejeição, por parte de Evola, da «regularidade iniciática», tão cara a Guénon, o Italiano sustenta a possibilidade de uma iniciação «prometeica», quer dizer, assentando apenas na vontade e no esforço pessoais, lá onde o Francês sustenta a necessidade de uma ligação a uma cadeia iniciática ininterrupta desde as origens. A influência de Guénon não se faz sentir menos, de modo profundo, nos escritos posteriores ao período «mágico», a tal ponto que se pode considerar que o fundo da visão evoliana do mundo é, a partir daí, guenoniano, mesmo se a coloração permanecerá sempre nietzschiana. A começar por uma obra cujas primeiras linhas remontam ao ano de 1930 (apesar de não ser editada senão quatro anos mais tarde): *Revolta contra o mundo moderno*.

Mas a Europa está num ponto de viragem da sua história e Evola, contrariamente a Guénon, não pode permanecer indiferente aos acontecimentos que se aceleram. Aos anos da juventude, tempo das crises e da formação, sucede agora o tempo das lutas e da acção. Julius Evola é de agora em diante chamado a desempenhar um papel novo, o da águia entre as Águias.

«Um olhar directo que vem, como diria um mestre zen, de trás dos olhos e que vê para lá da aparência física.» (Henri Hartung)

SEGUNDA PARTE

A ÁGUIA ENTRE AS ÁGUIAS
(O TEMPO DAS LUTAS E DA ACÇÃO)

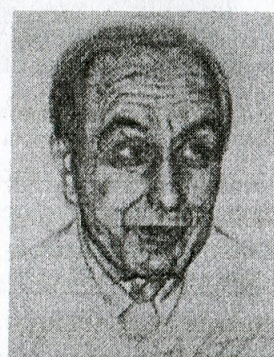
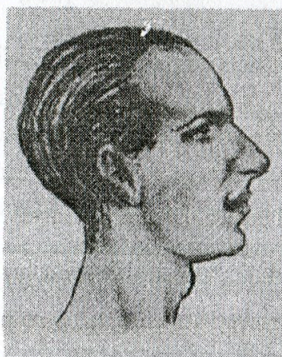
«Atribuir-me ideias "fascistas" era um absurdo. Eu podia ter defendido e continuar a defender certas concepções em matéria de doutrina do Estado, não enquanto elas eram "fascistas", mas apenas enquanto elas representavam, no fascismo, o reaparecimento de princípios da grande tradição política europeia de Direita.» Le Chemin du Cinabre, *Archè-Arktos, Milão-Carmagnole, 1982, tradução de Philippe Baillet, p. 164.*

Julius Evola em 1973.

CAPÍTULO I

O POLEMISTA DO ALTO D'A TORRE

A Itália de 1930 é fascista desde há uma década e essa situação não desagradaria Evola, quanto mais não fosse pelo facto de o regime saído da marcha sobre Roma pretender entrar em ruptura com a ordem burguesa e denunciar os valores materialistas – que constituem o horizonte inultrapassável tanto pelo comunismo como pelo liberalismo – em nome de uma «concepção espiritualista» do mundo. Tais tomadas de posição (proclamadas pelo próprio Benito Mussolini em *A Doutrina do fascismo*) não podem ser recusadas por quem está de agora em diante convencido da validade geral das teses guenonianas no que respeita à Tradição primordial. Também o antidemocratismo mussoliniano não choca um homem que afirma que «um dos principais aspectos da decadência do mundo ocidental moderno manifesta-se pela perda do sentido da aristocracia, da sua força e da sua tradição original».[51] Mais ainda, a referência ao Império romano como símbolo e como mito, afirmada por Mussolini a 21 de Abril de 1922 em *Il Popolo d'Italia*, constitui segundo os critérios de Evola um ponto dos mais positivos (isto, mesmo se, como não deixaram de relevar numerosos analistas do *Ventennio*, a romanidade imperial fascista evoque sempre mais as reconstituições sentimentalistas em ecrã de cinema do que uma autêntica revivificação dos ideais da Roma antiga). Mas as polémicas não tardarão, contudo, a rebentar, alimentadas pelas reacções indignadas de membros influentes do regime a certos escritos de Evola.

Em Fevereiro de 1930, Evola cria, efectivamente, uma revista bimensal intitulada *La Torre* [*A Torre*], com o seguinte subtítulo: «Revista de expressões variadas e de tradição única», cujos colaboradores mais

marcantes são Guido Di Giorgio, Gino Ferreti, Girolamo Comi, Emilio Servadio, Leonardo Grassi e Roberto Pavese. Trata-se para ele, no quadro daquilo a que chama «uma nova tentativa para "sair" no domínio político-cultural»[52], de se empenhar numa experiência destinada a dar-se conta das possibilidades de acção sobre a sociedade italiana oferecidas pela referência à Tradição e ao modo de organização das sociedades tradicionais, situando-se agora «fora do domínio restrito dos estudos especializados».[53] O editorial do primeiro número afirma, com firmeza, as intenções da equipa de redacção. A revista tem por objectivo reunir aqueles que permanecem capazes de se revoltar contra a modernidade com base num programa «construtivo, por um lado, e polémico, por outro» (Evola *dixit*), enquanto que o seu título pretende ser o símbolo «não de um refúgio ou de um lugar de evasão mais ou menos místico, mas de um posto de resistência, de combate e de realismo superior».[54] É pois uma torre de guerra e de vigilância e não uma torre de marfim. É precisamente isso que, bem depressa, vai levantar problemas.

Capa do primeiro número de *La Torre*.

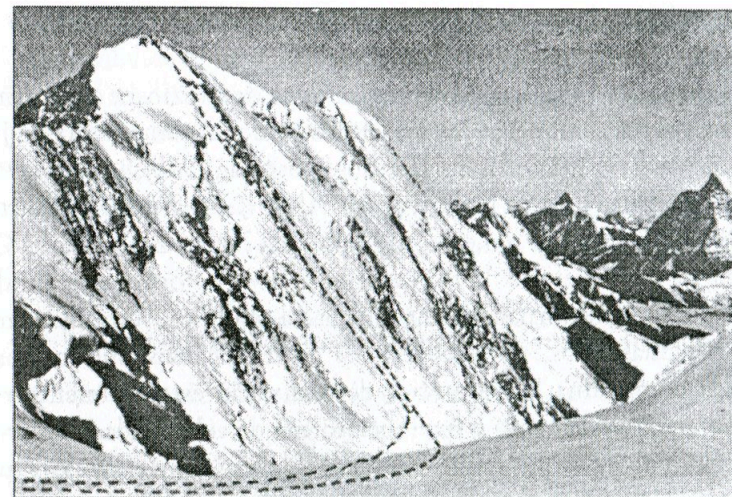
Logo no primeiro número Evola assina um artigo intitulado «Bilhete de Identidade», no qual se especificam as ligações que a revista pretende ter com o fascismo e a sua política. O ponto de vista defendido é o de a dimensão política ser secundária relativamente à esfera dos princípios, estes últimos de essência aristocrática, sendo por definição intangíveis e irredutíveis a toda a forma de realismo táctico. Nada de muito grave até aqui. Mas uma frase vai atear o fogo, mais ainda porque é imprimida em itálico, o que pode parecer uma provocação. Essa frase é a seguinte: «Na medida em que o fascismo segue e defende estes princípios, nessa medida nós podemos considerar-nos fascistas. E é tudo.»[55] Frase incontestavelmente condescendente, tornada ainda mais inaceitável para muitos pelo facto de ela estar acompanhada de uma severa crítica ao oportunismo de numerosos membros do partido, os quais são acusados, ainda por cima, de vulgaridade e de inconsequência. O caso da revista é ainda agravado por uma das rúbricas, intitulada «L'Arco e la Clava» [«O Arco e a Clava»] (fórmula que será retomada por Evola para título de um livro publicado nas edições milanesas Vanni Scheiwiller em 1968), a qual se propõe denunciar numa revista de imprensa todas as baixezas dos burocratas a soldo do regime, quer «atingindo-os ao longe» («o Arco»), quer «abatendo-os de perto» («a Clava»). Os ataques *ad hominem* multiplicam-se, por exemplo contra os directores do jornal *L'Impero*, Mario Carli e Emilio Settimelli, ou o da revista *Antieuropa*, Asvero Gravelli, o que provoca, como seria de esperar, recções violentas.

Os colaboradores de *La Torre* são, rapidamente, alvo de uma hostilidade que se traduz algumas vezes em agressões físicas, a tal ponto que Evola se rodeia, a certa altura, de guarda-costas recrutados entre os fascistas que partilham as suas ideias. Os inimigos da revista, apoiados por vários dignitários do regime, a começar por Achille Starace, o antigo secretário do Partido Fascista, procuram interditá-la. Como *La Torre* não é hostil ao fascismo pela ideologia, eles não conseguem interditá-la, apesar de o terceiro número no qual a campanha demográfica lançada por Mussolini ser denunciada como constituindo uma «aberração». Mas Evola permanece fiel a si próprio e, longe de procurar o apaziguamento, reafirma os princípios da revista no quinto número, mais precisamente no editorial intitulado «Os pontos nos *ii* e ideias claras». Pode-se ler aqui que os seus amigos e ele próprio não são «nem fascistas nem antifascistas», a menos

que se entenda este último termo como designando «aqueles que vão além do fascismo», isto porque «para inimigos irredutíveis de toda a política plebeia e de toda a ideologia "nacionalista", de toda a intriga e espírito de partido... o fascismo é muito pouco». O editorial clama pois «um fascismo mais radical, mais intrépido, um fascismo verdadeiramente absoluto, feito de força pura, inacessível a todo o compromisso».[56] Claramente, um fascismo enfim à altura do «sonho de elevação viril e ascética» que Pierre Drieu La Rochelle, esse outro grande adversário do mundo moderno, via nele.

Tais afirmações não são, evidentemente, feitas para acalmar os ardores belicosos de uns e outros. As pressões intensificam-se. A polícia aconselha Evola, à qual, bem entendido, Evola não obedece, a suspender a publicação da revista. Depois proíbe os tipógrafos romanos de imprimir as provas. Um protesto junto do ministro do Interior, Leandro Arpinati, não tem efeito e *La Torre* deixa de ser publicada a 15 de Junho de 1930, depois de cinco meses de existência, dez números publicados e um número incalculável de rancores suscitados pelas suas audácias e a exigência de dignidade interior que manteve sempre na sua linha editorial.

Evola não se deixa inquietar com esse desaparecimento, ele a quem outras ocupações chamam já. Descobriu recentemente o alpinismo, praticado não como um desporto mas numa perspectiva de realização metafísica que definirá um quarto de século mais tarde como «uma espécie de *amor fati*, unir a embriaguez da aventura e do perigo a um abandono confiante a tudo o que, no nosso destino, não é simplesmente humano».[57] Ele escala numerosos cumes, uma das ascensões mais marcantes é a do Lyskamm oriental pela face norte, a 29 de Agosto de 1930, acompanhado pelo guia Eugenio David, partindo da cabana Gnifetti, situada a 3647 metros de altitude. Neste refúgio espera-os, no seu regresso, «duas coisas singularmente diferentes e todavia ligadas entre si a certas altitudes»... uma garrafa de whisky «White horse» e um exemplar do Bhagavad-Gîtâ!

Mas os trabalhos de escritor prosseguem. Evola recebe de Giovanni Preziosi, ao qual inimizades semelhantes às que ele tinha atraído sobre si próprio conseguiram retirar a direcção do jornal napolitano *Il Mezzogiorno*, e que está pois solidário com ele, a proposta de colaborar na sua revista mensal, *La Vita Italiana*, que Mussolini protege. O primeiro artigo, intitulado «As duas faces do nacionalismo», saiu em Março de 1931 (o

A face norte do Lyskamm com o traçado da escalada Evola-David.
«É assim que a montanha podia levar a uma realização interior.» (Julius Evola)

136.º e último, «Como a Alemanha luta no interior contra a plutocracia», será publicado em Julho de 1943). Preziosi não tarda a apresentar o seu novo colaborador a Roberto Farinacci, director do quotidiano *Il Regime Fascista*, e sobretudo homem influente que o Duce escuta. Evola assina o seu primeiro artigo no jornal de Farinacci a 8 de Janeiro de 1933. É-lhe dada, entre 2 de Fevereiro de 1934 («Virilidade espiritual: máximas clássicas») e 18 de Julho de 1943 («Eliminar os obstáculos»), uma página especial, intitulada *Diorama Filosofico* e sub-intitulada: «Problemas do espírito na ética fascista». Aqui, ele trata livremente assuntos que lhe interessam e convida quem quer para aí se exprimir. O *Diorama* pode assim oferecer aos seus leitores prestigiosas assinaturas estrangeiras escolhidas «entre a Direita europeia política e cultural»[58], tais como as de Gonzague de Reynold, de *sir* Charles Petrie, do príncipe Karl Anton Rohan (director da *Europäische Revue*), do universitário austríaco Othmar Spann, professor de economia deportado pouco depois de Anschluss, ou ainda de Albrecht Günther, do poeta alemão Gottfried Benn, sem esquecer Guido Di Giorgio e outros colaboradores de *La Torre*. Ensaios e excertos de obras escritas por René Guénon são também publicadas, sob o pseudónimo «Ignitus», enquanto que o poeta judeu Karl Wolfskehl, antigo membro do grupo de Stefan George, dá também a sua colaboração. Mas a tentativa,

que pretende em larga medida ressuscitar *La Torre*, ainda que sob uma forma menos polémica, não encontra eco.

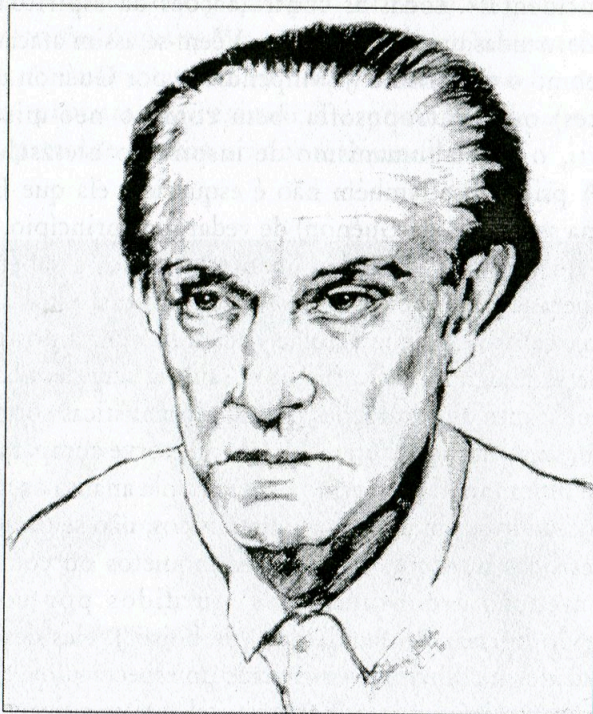
Paralelamente à sua actividade nas revistas de Preziosi e de Farinacci, Evola escreve para inúmeros outros títulos como *L'Italia letteraria* (de Julho de 1931 a Abril de 1933), *Politica* (Junho-Agosto de 1932), *Il Corriere Padano* (primeira assinatura a 5 de Janeiro de 1933), *La Rassegna Italiana* (a partir de Abril de 1933), ou ainda o mensário *Lo Stato* do jurista monárquico Carlo Costamagna (de Fevereiro de 1934 a Maio de 1943). Por muito abundante que seja, a actividade jornalística não lhe basta e publica, com alguns meses de intervalo duas obras. *A Tradição hermética*[59], antes de mais, onde a alquimia é definida como uma Via esotérica de realização essencialmente real e guerreira, irredutível tanto a qualquer forma de religiosidade sacerdotal como às pretenções daqueles que não vêem nela senão uma forma primitiva da química; *Máscaras e rostos do espiritualismo contemporâneo*[60], de seguida, no qual Evola, procurando restituir à espiritualidade a sua dimensão verdadeira, pretende desmascarar os seus sucedâneos.

Julius Evola em Montestrutto, hóspede de Sandra e Liliana Scalero, em 1932.

«Para o homem, toda a medida positiva da verdadeira espiritualidade deve ser transmitida pela consciência clara, activa e distinta: aquela que possui quando perscruta objectivamente a realidade exterior ou quando reúne os termos de um raciocínio lógico, de uma dedução matemática, ou toma uma decisão a respeito da sua vida moral. A sua conquista, que define o seu lugar na hierarquia dos seres, está aí, e em nenhum outro lugar.»

Máscaras e rostos do espiritualismo contemporâneo (1932)

Após um capítulo introdutório onde é denunciado «o caos espiritual do mundo ocidental», todas as contrafacções da espiritualidade são analisadas e destruídas uma após a outra. Vêem-se assim atacados tanto o espiritismo como o teosofismo (já vilipendiado por Guénon uma dezena de anos antes) ou a antroposofia, bem como o neo-misticismo de Krishnamurti, o sobre-humanismo de inspiração nietzschiana, ou o satanismo. A psicanálise também não é esquecida, ela que Evola acusa (também aí na sequência de Guénon) de vedar, por princípio, ao homem o acesso ao que o torna verdadeiramente humano, a saber o «centro espiritual soberano» (de que o *Hegemonikon* da filosofia estóica é uma boa aproximação), centro este que ela não encara se quer a possibilidade de existência. Se se imaginar que a sua obra saiu há sete décadas, podemos verificar a que ponto as perorações político-jornalísticas sobre «o perigo das seitas» são superficiais e inúteis. Mas de que serve comparar o que não se situa de nenhum modo no mesmo plano? Evola analisa os movimentos desviantes baseando-se em princípios metafísicos; não se preocupa com a persuasão das boas intenções de eleitores inquietos ou com o facto de prender a atenção a consumidores aturdidos por um regresso contrabandeado do sagrado (ainda que "de bolso"), eles desde há tanto tempo enfeudados na diluviana «sociedade do espectáculo».

Mas, por muito profunda e incontestável que seja a sua pertinência nos domínios sobre os quais se debruçam respectivamente, nem *A Tradição hermética* nem *Máscaras e rostos do espiritualismo contemporâneo* podem pretender igualar em importância o livro que saiu em 1934 pela mão do editor milanês Hoepli, livro a partir do qual Evola se vai tornar verdadeiramente um gibelino revoltado.

Retrato que orna o livro de Marcello Veneziani: *La ricerca dell'Assoluto in Julius Evola*, Edizioni Thule, 1979.

CAPÍTULO II

O GIBELINO REVOLTADO

O ano de 1934 vê aparecer uma obra colossal na qual Evola trabalhava desde há quatro anos, com um texto de uma densidade excepcional apoiado numa erudição enciclopédica: *Revolta contra o mundo moderno*[61]. Basta passar os olhos pelo índice para constatar que o livro está dividido em duas partes distribuídas de modo semelhante, cuja oposição é em si mesma simbólica, e intituladas respectivamente: «O mundo da Tradição» e «Génese e rosto do mundo moderno». Toda a argumentação evoliana repousa no postulado, de inspiração guenoniana, segundo o qual «o mundo moderno e o mundo tradicional podem ser considerados como dois tipos universais, como duas categorias *a priori* da civilização».[62] Mas se há «categorias *a priori*», elas não são de modo algum equivalentes no ponto de vista normativo. A ideia de um relativismo axiológico é estranha a Evola, o qual tem, pelo contrário, por indiscutível o facto de que o mundo moderno se caracteriza pela sua natureza decadente, este mundo moderno que caiu do «supramundo» até àquilo que os homens julgam hoje ser o único mundo verdadeiro, que trocou o domínio onde reina «a ordem metafísica» pelo nível onde não se manifesta mais do que «a ordem física», numa palavra, que abandonou cada vez mais, ao longo dos tempos históricos, «a região superior do "ser" pela região inferior do "devir"».

O mundo moderno opõe-se pois, enfim, ao mundo da Tradição tal como o dos antivalores ao dos valores, como o universo da necessidade e da servidão ao da liberdade. Pois aquilo que a modernidade proíbe, ela que reduziu o horizonte intelectual e espiritual da maior parte ao mero domínio material, é precisamente (por um paradoxo que não é senão

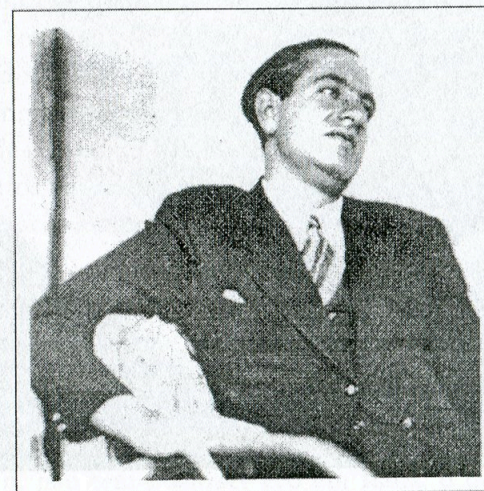
Um gibelino revoltado contra o mundo moderno. Desenho de Giovanni Conti.

aparente) aquilo que ela reclama alto e bom som para si, por todo o lado, até ao ponto de as suas crianças perdidas inscreverem o nome sobre os muros sórdidos das suas cidades sem alma: a liberdade. Mas não nos deixemos enganar: a liberdade dos Modernos (para parafrasear Benjamin Constant) não é a dos Antigos. A liberdade que conhecia o mundo tradicional, da qual a Antiguidade tinha ainda alguma recordação, não era de modo algum igualitarista; ela não assentava na atomização do corpo social e no individualismo reivindicador, mas na hierarquização, espontânea porque com base espiritual, dos homens num sistema que escandaliza hoje as boas almas humanistas, o sistema das castas, e numa omnipresença do sagrado que se manifestava em todos os domínios sob a forma de uma «Transcendência imanente» reactualizada pela realização dos ritos. Num tal mundo, a função real era eminentemente axial e polar, o *rex* era antes de mais *pontifex*, «construtor de pontes» entre mundo e «supramundo» (aquilo que manifestava a consagração), enquanto que as relações entre homens e mulheres se articulavam com base e na sequência do simbolismo cósmico do Macho e da Fêmea (do Espírito e da Natureza) cujas núpcias engendram os mundos. Quanto às práticas iniciáticas, longe do simulacro com o objectivo de cooptação que acabaram por ter em determinadas associações, elas constituiam a via para um autêntico renascimento do ser regenerado pela sua participação em cerimónias cuja eficácia impessoal – e logo amoral – não devia nada à da técnica mais moderna.

Mundo perfeito, então, o da Tradição. Mas também mundo inelutavelmente condenado pelas leis da ciclologia, pois uma regressão deve-se necessariamente produzir ao longo das quatro «idades», cuja primeira é a de ouro e a última a de ferro, a idade sombria («Kali Yuga») na qual vive hoje a humanidade numa espera inconsciente da catástrofe planetária que virá varrer as quimeras progressistas. Esta regressão cósmica, que a das castas – «lei geral objectiva» como escreve Evola[63] – dramatiza, conheceu etapas («ciclos») que conduzem do hiperbóreo lar original ao aparente triunfo da modernidade: ciclo nórdico-atlântico, ciclo heróico, ciclo heróico-uraniano ocidental, e ainda outros de menor importância. Ela é marcada por uma passagem cada vez mais acentuada do qualitativo ao quantitativo, até ao ponto último do colectivismo que preparam as ideologias nacionalistas e que incarnam, tanto uma como a outra, segundo o juizo de Evola, a América capitalista e a Rússia soviética. A história do

mundo é pois a do estabelecimento daquilo que Guénon designará uma dezena de anos mais tarde como «o reino da quantidade». Estabelecimento este que Evola explica (sem que, todavia, infelizmente, percebamos se o devemos entender num sentido metafórico ou directamente étnico) pelo obscurecimento gradual da «Luz do Norte» suplantada pela do «Sul». Ele analisa-o igualmente (e vemos bem aqui o que ele deve a Bachofen, mas a um Bachofen outro, «reerguido sobre os seus próprios pés» como o tinha sido Hegel pelo seu leitor Marx) como a passagem da ordem uraniana e solar dos Pais à, ctoniana e lunar, das Mães.

Face ao que se tornou o mundo, a revolta é legítima mesmo se, tal como reconhece *O Caminho do Cinábrio*, ela permanece implícita (apesar do título) na *Revolta contra o mundo moderno*, obra bem menos polémica do que analítica. Mas a revolta requer bem mais do que uma reacção visceral de amarga rejeição. É necessário, para aí chegar realmente, reagir não apenas *contra* mas sobretudo *por* alguma coisa, o que supõe, como o escreve um Evola em tom deveras «zaratustriano», «dotar-se de novos olhos e novos ouvidos para coisas perdidas nas lonjuras dos tempos, tornadas invisíveis e mudas».[64] O que supõe também a referência a um modelo. A Idade Média gibelina é a mais capaz de fornecer tal modelo, ela que fez reviver a metafísica idealidade imperial que Roma incarnou no seu tempo. Três anos após a *Revolta contra o mundo moderno*, Evola (que encontrou tempo para publicar em 1936, nas edições Mediterranee, um livro intitulado: *Tre aspetti del problema ebraico nel mondo spirituale, nel mondo culturale, nel mondo economico sociale* [*Três aspectos do problema hebraico no mundo espiritual, cultural e económico-social*]), assina pois uma nova obra que constitui um desenvolvimento de certos temas presentes no seu livro de 1934, *O Mistério do Graal e a ideia imperial gibelina*[65]. Trata-se, desta vez, de desembaraçar o Graal do ouropel cristão afim de o situar na única perspectiva tida como autêntica, a de uma iniciação guerreira e cavaleiresca («gibelina») cujo objectivo é a restauração da majestade imperial e o regresso à própria origem da Tradição. Podemos ler nessa obra que «a essência mais elevada do Graal [é] a sua relação com uma realeza transcendente», e que «na sua essência, o gibelinismo não foi senão o reaparecimento do ideal sacro e espiritual [...] da autoridade própria do chefe de uma organização política de carácter tradicional, logo o oposto exacto de tudo o que é "laico", e se relaciona com as formas degradadas do Estado e da "política".»

Se dirige a sua atenção para temas que Nietzsche elogiosamente classificou de «inactuais», Evola não deixa de desejar, todavia, estabelecer uma ligação entre estes e a vida da sua época. Ele tenta, pois, inevitavelmente desempenhar um papel na política italiana e interessa-se também pela Alemanha nacional-socialista, sem negligenciar a Roménia da Guarda de Ferro. Mas se ele se julga até certo ponto um companheiro do Eixo, não deixará de ser sempre um homem à margem.

Fotografia de L. F. Clauss.

Fotografia de L. F. Clauss.

CAPÍTULO III

O COMPANHEIRO MARGINAL

Aquele que, sem outros cuidados, considerasse Evola como um «fascista» condenar-se-ia desse modo a nada compreender, definitivamente, das profundas razões da sua aproximação às forças do Eixo. Pois o que anima aqui o homem que sonha ver a ressurreição do ideal gibelino, não é certamente o entusiasmo do militante; menos ainda se pode evocar no seu caso o oportunismo carreirista, contrariamente a muitos daqueles que regressaram após a guerra ao casulo democrático, prontos a abjurar e a denunciar o que (e quem) os vencedores pretendam. O interesse de Evola pelo Eixo explica-se apenas, se compreendermos que ele se baseia num imperativo de coerência filosófica e, porque se recusa aristocraticamente a separar a sua doutrina da sua vida, existencial (como imaginar o Indivíduo absoluto assumir a causa das democracias?) e, mais ainda, na crença na possibilidade de reorientar a Itália a a Alemanha numa direcção conforme aos ensinamentos da Tradição. Mas as tentativas de contribuir para uma eventual restauração aristocrática da Europa nada contam face às realidades da época.

A própria pátria de Evola o ignora, pouco ou muito. *Imperialismo pagão*, recordemo-lo, tinha já sido friamente recebido, como consequência das pressões da Igreja, e *La Torre*, vimo-lo já, não conhecera senão uma existência efémera. Por sua vez, *Revolta contra o mundo moderno*, se é saudado no estrangeiro, tanto pelo Romeno Mircea Eliade como pelo Alemão Gottfried Benn, não tem qualquer eco em Itália, o que Evola atribuirá mais tarde aos «horizontes muito estreitos e [ao] sectarismo antipático» de correntes incapazes de romper com o seu «fundo católico e burguês»[66].

Do mesmo modo, os seus inúmeros artigos não obtêm, o mais das vezes, senão o silêncio como resposta. Evola tenta então, no momento em que o fascismo (tomado por um movimento pendular que o impele a aproximar-se doutrinalmente do nacional-socialismo, embora procurando distinguir-se) efectua o reenquadramento ideológico que o conduzirá até à «viragem no sentido do racismo» de 1938 com o *Manifesto da Raça*, desempenhar um papel rectificador no plano das teorias raciais. Sente-se aliás encorajado pela recente aprovação dada pelo próprio Mussolini a um seu artigo, intitulado «Raça e cultura» e publicado no número de Janeiro de 1934 de *La Rassegna Italiana*, bem como pelas bajuladoras apreciações vindas de elementos próximos ao Duce, a respeito de um editorial do *Corriere Padano* com o título: «Responsabilidade de se dizer ariano». Em ambos os casos era negado o primado biológico, em prol de princípios espirituais e, logo, éticos. É esta posição que constituirá sempre o essencial da visão racial evoliana.

São publicadas três obras sobre este tema em quatro anos. A primeira, *Il mito del sangue. Genesi del razzismo* [*O mito do sangue. Génese do racismo*], encomenda do editor milanês Hoepli, é publicada em 1937 e verá nova edição pelo mesmo editor em 1942; apresenta-se sobretudo como uma espécie de catálogo expondo as doutrinas racistas na história. Segue-se *Sintesi di dottrina della razza* [*Síntese de doutrina da raça*][67] onde se expõe a tripartição tradicional corpo-alma-Espírito como base de um racismo em três níveis (raças do corpo, da alma e do Espírito) fundado na noção de «raça interior», livro este que vale a Evola um convite de um elogioso Mussolini. A trilogia encerra-se com os *Elementos para uma educação racial*,[68] especialmente destinado aos jovens e aos seus educadores, com o objectivo de esclarecer «o valor essencialmente político e ético que a teoria da raça deve ter para o fascismo e, sobretudo, para a escola fascista», como afirma Evola no prefácio que redigiu para este pequeno livro.

Contrariamente ao que se poderia esperar, as teorias raciais evolianas, mesmo contando com a aprovação de Mussolini, não conhecem, todavia, um sucesso efectivo. Dois projectos caros a Evola são abandonados na sequência de pressões exercidas sobre o Duce pelos defensores do *Manifesto da Raça*, que se exprimiram na revista *La Diffesa della Razza*, tais como Guido Landra ou o futuro dirigente do Movimento Social Italiano, Giorgio Almirante, apoiados por católicos. Tratava-se da criação de uma revista

em dupla edição italo-alemã, intitulada *Sangue e Spirito/Blut und Geist* [*Sangue e Espírito*] e destinada ao estudo de questões relevando do «racismo espiritual», bem como ao início de uma investigação sobre os componentes raciais do povo italiano, investigação que deveria ter sido levada a cabo por uma equipa composta por um antropólogo, um psicólogo e o próprio Evola (respectivamente encarregados da questão da raça do corpo, da alma e do Espírito). Mas o revés prático não tem senão, em definitivo, uma importância relativa, pois Evola não é em todo o caso um racista monomaníaco. Tal como explica em *O Caminho do Cinábrio*[69], ele tinha-se, antes de tudo, «esforçado por aplicar, ao problema das raças, princípios de carácter superior e espiritual; tratava-se para [ele] de um domínio absolutamente subordinado, e o objectivo principal era o de combater os erros das variantes do racismo materialista e primitivista que surgiram na Alemanha e que alguns diletantes, em Itália, se preparavam para reproduzir». Essa Alemanha para a qual se vira, com o desejo, eminentemente gibelino, de reconciliar romanidade e germanismo sob as qualidades da «Luz do Norte».

> «Enquanto "transcendência imanente", o *tradere*, a transmissão (logo, a Tradição) não se refere a uma abstracção que se possa contemplar, mas a uma energia que, apesar de invisível, não deixa de ser real. É aos chefes e à elite que cabe assegurar essa transmissão, no interior de certos quadros institucionais, variáveis mas homólogos na sua finalidade. É evidente que esta se encontra perfeitamente garantida enquanto é paralela à continuidade rigorosamente controlada de um mesmo sangue. De facto, quando a cadeia de transmissão se interrompe é muito difícil restabelecê-la. Que a Tradição seja o oposto de tudo o que é democracia, igualitarismo, primado da sociedade sobre o Estado, poder que vem de baixo, etc., é inútil sublinhá-lo.»
> *O Arco e a Clava* (1968)

É em 1934 que Evola se dirige pela primeira vez à Alemanha, para aí proferir conferências. O seu nome é conhecido na pátria de Goethe, onde *Imperialismo pagão* foi bem mais favoravelmente recebido do que em Itália,

em particular nos meios mais próximos da Revolução Conservadora. Ele próprio conhecia, desde 1930, *O Mito de século XX* de Alfred Rosenberg, obra esta que não julga de interesse menor (quanto mais não fosse porque Rosenberg segue, também ele, Bachofen e Wirth), mesmo se lhe parecia faltar ao seu autor «toda a compreensão da dimensão do sagrado e da transcendência».[70] Ele profere uma conferência numa universidade berlinense, depois outra no segundo Congresso de Estudos Nórdicos. Mas, sobretudo, ele fala para os membros do Herrenklub de Berlim; ele, o aristocrata solitário, fica contente por «descobrir aí o [seu] meio natural».[71] Laços de amizade o unirão desde enão ao barão Heinrich von Gleichen que preside ao Herrenklub.

No ano seguinte vê traduzida, pela Deutsche Verlags Anstalt de Estugarda, a sua *Revolta contra o mundo moderno*. As reacções são elogiosas e Evola passa a fazer parte desde aí dos homens importantes no plano intelectual da Alemanha. Ele aproxima-se cada vez mais dos elementos propriamente conservadores do novo regime, sem se desinteressar totalmente do nacional-socialismo, de que dois aspectos retêm a sua atenção: a luta pela visão do mundo (segundo o título de um discurso ao Reichstag de Rosenberg: «Der Kampf um die Weltanschaung»), entendida como concepção integradora das relações do homem e do mundo numa perspectiva hierárquica e holística, e as SS, na qual ele distingue o «germe» de uma futura Ordem guerreira tradicional e aristocrática, tal como o afirma num artigo intitulado: «Le SS, guardia e "ordine" della rivoluzione crociuncinata» [«As SS, guarda e "Ordem" da revolução da cruz gamada»], que saiu em Agosto de 1938 em *La Vita Italiana*. Mas a ideologia nacional-socialista em si mesma (admitindo que se pode falar, rigorosamente, de «ideologia» a respeito de algo que se apresenta, antes de tudo, como uma manta de retalhos de tendências e de interesses contraditórios somente federados, como o tinha já compreendido na época Hermann Rauschning, por uma dinâmica que releva essencialmente do niilismo), não seduziria Evola, definitivamente refractário ao racismo biológico-nacionalista e à dimensão plebeia do regime e dos seus mestres, a começar pela própria pessoa de Adolf Hitler. Ele próprio está, aliás, sob suspeita, como o prova o relatório dirigido a Heinrich Himmler (e aprovado por este último) por um oficial das SS, na sequência das conferências pronunciadas durante o Verão de 1938, relatório que propõe interditar a Evola toda a actividade

pública na Alemanha e não lhe dar qualquer tipo de ajuda, mantendo-o sob vigilância. Mas o apoio do SS Brigadeführer Karl Maria Wiligut (*alias* Karl Maria Weisthor), próximo a Himmler, permite, todavia, que a estadia não lhe seja interdita.

Fotografia de L. F. Clauss.

Para além da Alemanha, Evola vai à Áustria onde passa de boa vontade o Inverno, colaborando com as numerosas relações do príncipe Karl Anton Rohan, bem como com os membros do grupo de Othmar Spann. Visita igualmente a Roménia, onde conhece o chefe da Guarda de Ferro, Corneliu Zelea Codreanu, o qual lhe parece «uma das figuras mais dignas e melhor orientadas espiritualmente»[72] que lhe foi dado encontrar. Das relações que sobreviverão à guerra, mantém-se também a do grande historiador das religiões Mircea Eliade, ele mesmo próximo de Codreanu.

Paralelamente à sua acção no terreno político, Evola continua a expôr a sua concepção das doutrinas tradicionais em diversos artigos, bem como em dois livros, *Lo Yoga della potenza. Saggio sui Tantra* [*O Yoga do poder. Ensaio*

sobre os Tantra], que contitui a nova versão de *L'Uomo comme potenza* de 1926 e que não poderá ser editado senão em 1949, e *A Doutrina do Despertar* (editado em 1943). Se, no caso deste último, as contingências da época podem explicar em parte a insistência exagerada com que é exposta a «arianidade» do Budismo, o simples facto de ter redigido em plena guerra tais textos, prova como o qualificativo de «marginal» convém a um homem que não se interessou pelo Eixo senão na medida em que este lhe parecia uma base a partir da qual seria talvez possível, em caso de vitória sobre as democracias e o reino dos comerciantes, inverter pelo menos durante algum tempo o curso decadente da história e instaurar qualquer coisa como uma nova «civilização de heróis», à maneira de Hesíodo. É segundo esta lógica que subordina a política à metafísica *via* a metapolítica que é necessário igualmente compreender a tradução de Evola, na mesma época, de *A Guerra oculta* de Léon de Poncins (que ele tinha encontrado pouco antes da guerra) e Emmanuel Malynski.

Mas as esperanças de Evola bem depressa se esfumam. Os acontecimentos do 25 de Julho de 1943, que, tal como o afirma sobriamente *O Caminho do Cinábrio*, «tinha[m] posto a nu tudo o que se escondia de inconsistente e de inferior, especialmente no plano da substância humana, por trás da fachada do fascismo»[73], são o toque de finados do regime mussoliniano. No dia seguinte, Evola, que não se considera realmente ameaçado, recusa uma proposta para se refugiar na Alemanha. Passa, então, em Roma os últimos dias de Julho e uma parte dos de Agosto, estabelecendo diversos contactos e seguindo de perto os rumores de contra-golpe de Estado. De seguida é convidado, na companhia de algumas pessoas de confiança, a ir para Berlim, onde os membros do seu pequeno grupo chegam após uma viagem movimentada, nomeadamente graças à ajuda do S. D. que lhes forneceu uniformes alemães e os fez entrar num camião da Waffen SS para atravessar o posto fronteiriço de Brenner. Alojado em Postdam por razões de discrição, Evola participa em reuniões que lhe permitem constatar a amplitude das divergências entre os diferentes serviços alemães. Anseia regressar rapidamente a Itália mas, posto ao corrente da vontade de Giovanni Preziosi, refugiado em Bad Reichenhall, de com ele se encontrar, viaja até essa cidade próxima de Munique. É lá que ele toma conhecimento, a 8 de Setembro, do novo armistício assinado cinco dias antes por Badoglio e que vê imediatamente como uma

«traição»[74]. No dia seguinte, após o projecto de se dirigir por radio ao povo italiano lançando o apelo de sublevação ter sido abandonado, vai com Preziosi ao quartel general de Hitler em Rastenburg (Prússia Oriental), onde são recebidos por Ribbentrop. Mussolini, libertado por Otto Skorzeny, junta-se a eles a 14. Aquele que tinha sonhado ser um novo César toma, durante a noite e sem consultar ninguém, a decisão de proclamar a República Social Italiana. Evola, aprova a dimensão heróica da reacção mussoliniana, mas toma-a por «uma reviravolta negativa e censurável»[75] pois rompe com a precedente vontade imperial do fascismo.

De volta a Roma *via* Munique, Evola, que foi encarregado de colocar em lugar seguro em Nápoles, cidade ainda não ocupada, arquivos secretos pertencentes a Preziosi e contendo informações capitais sobre a acção oculta da Franco-Maçonaria durante o fascismo, questiona-se sobre o partido a tomar. A alternativa é para ele a seguinte: «Combater até ao fim, para com e contra tudo, na esperança de não sobreviver – ou então preparar alguma coisa que pudesse subsistir depois da guerra e constituir uma continuação mais ou menos explícita dos princípios fundamentais do Estado fascista.»[76] Embora naturalmente inclinado a escolher a primeira solução, opta realisticamente pela segunda e lança as bases (entre outros, com Carlo Costamagna e Balbino Giuliano) de um «Movimento para o Renascimento de Itália», aprovado pelos serviços alemães e que difunde rapidamente um opúsculo contendo o programa fundador de um partido de Direita. Mas a entrada dos Aliados em Roma, e a tentativa de prisão de que ele é imediatamente alvo, obrigam-no a deixar precipitadamente a cidade e a ir para Verona. Depois segue para Viena, onde prossegue a sua acção no anonimato, pretendendo nomeadamente redigir, com base em documentos provenientes dos serviços alemães, uma obra intitulada *Storia segreta delle società segrete* [*História secreta das sociedades secretas*] e consagrada à «transformação interna involuntiva da maçonaria»[77] que tinha já denunciado inúmeras vezes.

Mas este livro não chegará a ver o dia. Quando as tropas soviéticas se preparam para entrar em Viena, um bombardeamento destrói as caixas que continham os documentos em questão. Mas, pior que tudo, este mesmo bombardeamento inflige a Evola uma terrível ferida sob a forma de uma lesão na medula espinal, tendo como consequência a paralisia dos membros inferiores. Aquele cuja Via da Acção sempre atraíra e que nunca

fugira aos perigos, e que pelo contrário os procurara, «no sentido – segundo a sua própria expressão – de uma interrogação tácita do destino», tornar-se-ia, de agora em diante, um Guerreiro imóvel.

Um dos últimos retratos de Julius Evola, 1974.

TERCEIRA PARTE

O GUERREIRO IMÓVEL

(O TEMPO DO DESAPEGO E DA CONTEMPLAÇÃO)

«Nada mudou, tudo se reduziu a um impedimento meramente físico que, fora as dificuldades práticas e certas limitações da vida profana, não me afectou em nada, a minha actividade espiritual e intelectual não se viu, de nenhum modo, comprometida ou modificada.» Le Chemin du Cinabre, *Archè-Arktos, Milão-Carmagnole, 1982, tradução de Phillipe Baillet, p. 161.*

Perfil de Evola que orna a capa da edição italiana de *Imperialismo pagão* em 1991 pelo Centro Studi Tradizionali di Treviso.

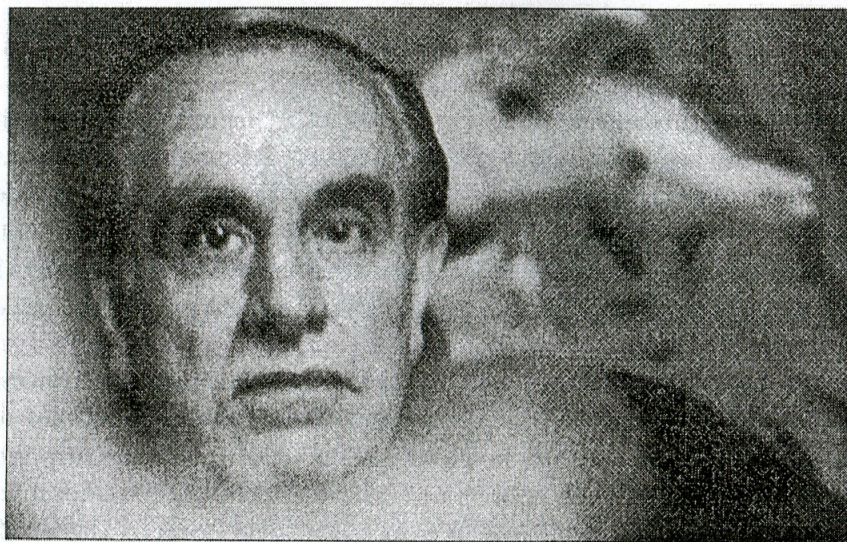
CAPÍTULO PRIMEIRO

O SOBREVIVENTE NUM MUNDO DE RUÍNAS

A enfermidade sofrida aquando do bombardeamento de Viena obriga Evola a permanecer durante cerca de um ano e meio em diversas clínicas austríacas. O seu regresso a Itália, a título de repatriamento como grande inválido de guerra, não se efectua senão em 1948, primeiro em Roma, depois em clínicas de Bolonha. É somente na Primavera do ano de 1951 que ele regressa ao seu domicílio romano do Corso Vittorio Emanuelle II.

Em Itália, uma bela surpresa o aguarda. Quando julgava encontrar um «mundo de ruínas espirituais mais ainda que materiais»[78], apercebe-se que alguns se recordam ainda de valores que lhe são caros. «Fiquei surpreso ao constatar, escreverá ele com uma satisfação evidente quinze anos mais tarde em *O Caminho do Cinábrio*, que existiam, pelo contrário, grupos, sobretudo de jovens, que não se tinham deixado levar pelo desmoronamento global. Nesse meio, particularmente, o meu nome era conhecido e os meus livros muito lidos.»[79]

Mas estes grupos, por respeitável que seja a sua vontade de reedificar, não têm fundações doutrinais sólidas. Evola, cuja hospitalização não impede de trabalhar na revisão do texto de algumas das suas obras esgotadas com vista à reedição próxima, decide provê-los com tal doutrinação. Com este intuito, dirige uma «Mensagem aos jovens» (que publica, no único número da revista *I Nostalgici* de Março de 1950) e redige, com a mesma intenção, uma brochura intitulada *Orientações*. Escreve esta última em 1949, no mesmo ano em que são editados o estudo, já referido, consagrado ao yoga tântrico, bem como uma tradução (aumentada por uma longa

introdução e comentários) de excertos escolhidos das obras de Bachofen, com o título *As Mães e a virilidade olímpica*[80]. A publicação, realizada no ano seguinte, é confiada a um dos grupos aos quais pretende fornecer directivas essencialmente metapolíticas. Este grupo, dirigido por Enzo Erra e ao qual pertencem, entre outros, o futuro dirigente e deputado do «Movimento Sociale Italiano» Pino Rauti e Clemente Graziani, fundador em 1970 do «Movimento Politico Ordine Nuovo», edita a brochura na sua própria revista, *Imperium*, à qual Evola oferece três artigos «a título de encorajamento».

Julius Evola no início dos anos cinquenta.
O corpo está quebrado, mas a alma mantém-se altiva e o espírito impassível.

Esta obra conhecerá rapidamente um sucesso indesmentível e dará lugar a numerosas reimpressões realizadas sem o acordo do seu autor; *Orientações* não pretende ser senão, segundo a fórmula empregada por Evola no prefácio à segunda edição[81], «uma breve síntese provisória de alguns pontos essenciais e gerais». Na realidade, encontramo-nos na presença de um texto dotado de uma densidade notável estruturado em onze pontos, daquilo que se poderia tomar como um autêntico breviário da «Direita radical», a única, de facto, digna deste nome, pois é antimoderna e antidemocrática, bem como anticolectivista. Os homens desta direita (ou melhor desta

Direita, pois a ela se impõe a maiúscula como no caso da Tradição à qual ela se refere) não podem deixar de se reconhecer em afirmações como estas: «O primeiro problema, na base de todos os outros, é de natureza interior: reerguer-se, renascer interiormente, dar-se uma forma, criar em si próprio ordem e verticalidade. Aqueles que se iludem, hoje, sobre as possibilidades de uma luta puramente política e sobre o poder de esta ou aquela frase, de este ou aquele sistema, que não tenham como contrapartida precisa uma nova qualidade humana, esses não aprenderam nada com as lições do passado recente» (ponto n.º 2); «Face ao nosso radicalismo, particularmente, a oposição entre o "Oriente" e o "Ocidente" democrático parece insignificante, tal como um eventual conflito armado entre estes dois blocos nos aparece, também ele, tragicamente insignificante» (ponto n.º 5); «Devemos sublinhar que tudo o que é economia e interesse económico como mera satisfação de necessidades físicas teve, e terá sempre, uma função subordinada numa humanidade normal; que para lá deste domínio se deve firmar numa ordem de valores superiores, políticos, espirituais e heróicos» (ponto n.º 6); ou ainda nessa profissão de fé eminentemente aristocrática (e incompatível com todo o nacionalismo): «É na Ideia que deve ser reconhecida a nossa verdadeira pátria. O que conta hoje, não é o facto de pertencer a uma mesma terra ou de falar uma mesma língua, é o facto de partilhar a mesma ideia. Esta é a base, o ponto de partida.» Quanto à frase, em jeito de constatação, que abre a brochura: «É inútil iludir-se com as quimeras de qualquer optimismo: encontramo-nos hoje no final de um ciclo», é suficiente constatar que ela se inscreve na mesma sequência da ciclologia tradicional.

O objectivo que Evola persegue ao redigir *Orientações* é nada menos do que fornecer «chaves» para a constituição de uma elite nova àqueles que, dotados do «espírito legionário» para o qual «Fidelidade é mais forte do que fogo» (ponto n.º 3), ainda têm a força de sonhar com «um mundo claro, viril, articulado, feito de homens e de líderes de homens» (ponto n.º 4). É para responder a esta mesma aspiração que publica no hebdomadário *Rivolta Ideale*, entre Setembro de 1949 e Dezembro de 1950, os artigos intitulados: «Homens e líderes de homens», «Essa "direita" inexistente», ou ainda «Realismo da ideia» (os dois primeiros sob o pseudónimo «Arthos»), e também em *Meridiano d'Italia*: «Para a "elite" de uma frente ideal» e «Ideia e pátria». Outros órgãos de imprensa acolhem

igualmente a sua assinatura sobre temas semelhantes, como *La Sfida* ou ainda a tribuna do M.S.I., *Lotta Politica*.

> «Idealmente, o conceito da verdadeira Direita, da direita tal como a entendemos, deve ser definido em função de forças e de tradições que agiram de modo formador num grupo de nações, e por vezes também em unidades supranacionais, antes da Revolução francesa, antes do acontecimento do terceiro estado e do mundo das massas, antes da civilização burguesa e industrial, com todas as consequências e os jogos de acções e de reacções concordantes que conduziram ao marasmo actual e ao que ameaça com uma destruição definitiva o pouco que ainda resta da civilização europeia e do prestígio europeu.»
> *O Fascismo visto da direita* (1964)

Esta actividade ideológica acaba por inquietar as autoridades, as quais, confrontadas com a agitação violenta de certos grupos de direita, temem a formação de um movimento neo-fascista e alarmam-se com a ideia de um eventual *complot* de que Evola seria o inspirador mais ou menos oculto. Este, acusado de ter encorajado a reconstituição do partido fascista, é preso em Abril de 1951 e solicitado em Outubro do mesmo ano perante o Tribunal Criminal de Roma após seis meses de cárcere. Brilhantemente defendido por Mestre Francesco Carnelutti, será absolvido a 20 de Novembro. Não sem antes ter apresentado ao tribunal uma «Autodefesa» na qual recorda que, para além de nunca ter estado inscrito em nenhum partido (incluindo o Partido Nacional Fascista), ele se opõe ao activismo pois este, conhecendo-se o produto das forças presentes, não pode senão «fornecer, como consequência, armas ao adversário».[82] Quanto às ideias que sempre defendeu, explica, não são, contrariamente ao que pretende a acusação, «exclusivas do fascismo» mas «tradicionais e contra-revolucionárias». De onde resulta a afirmação, altiva e testemunhando uma coragem bem real, dado o contexto político e penal do momento, segundo a qual, se tais ideias pesam na balança da lei, ele deveria ter a honra de ver sentados junto de si no banco dos réus «pessoas como Aristóteles, Platão, o Dante do *De Monarchia* e por aí fora até um Metternich e um Bismarck».[83]

1. - E' inutile crearsi illusioni con le chimere di un qualsiasi ottimismo: noi oggi ci troviamo alla fine di un ciclo. Già da secoli, prima insensibilmente, poi col moto di una massa che frana, processi molteplici hanno distrutto in Occidente ogni ordinamento normale e legittimo degli uomini, hanno falsato ogni più alta concezione del vivere, dell'agire, del conoscere e del combattere. E il moto di questa caduta, la sua velocità, la sua vertigine è stata chiamata « progresso ». E al « progresso » furono innalzati inni e ci si illuse che questa civiltà — civiltà di materia e di macchine — fosse la civiltà per eccellenza, quella a cui tutta la storia del mondo era preordinata: ~~finché le conseguenze ultime di tutto questo processo furono tali da imporre, in alcuni, un risveglio~~.

~~Dove e sotto quali simboli cercarono di organizzarsi le forze per una possibile resistenza, è noto. Da un lato, una nazione che, da quando era divenuta una, non aveva conosciuto che il clima mediocre del liberalismo, della democrazia e della monarchia costituzionale, osò riprendere il simbolo di Roma come base per una nuova concezione politica e per un nuovo ideale di virilità e di dignità. Forze analoghe si svegliarono nella nazione, che, essa stessa, nel Medioevo aveva fatto suo il simbolo romano dell'*Imperium*, per riaffermare il principio di autorità e il primato di quei valori, che nel sangue, nella razza, nelle forze più profonde di una stirpe hanno la loro radice. E mentre in altre nazioni europee dei gruppi si orientavano già nello stesso senso, una terza forza si aggiungeva allo schieramento nel continente asiatico, la nazione dei *samurai*, nella quale l'adozione delle forme esteriori della civilizzazione moderna non aveva pregiudicato la fedeltà ad una tradizione guerriera incentrata nel simbolo dell'Impero solare di diritto divino.~~

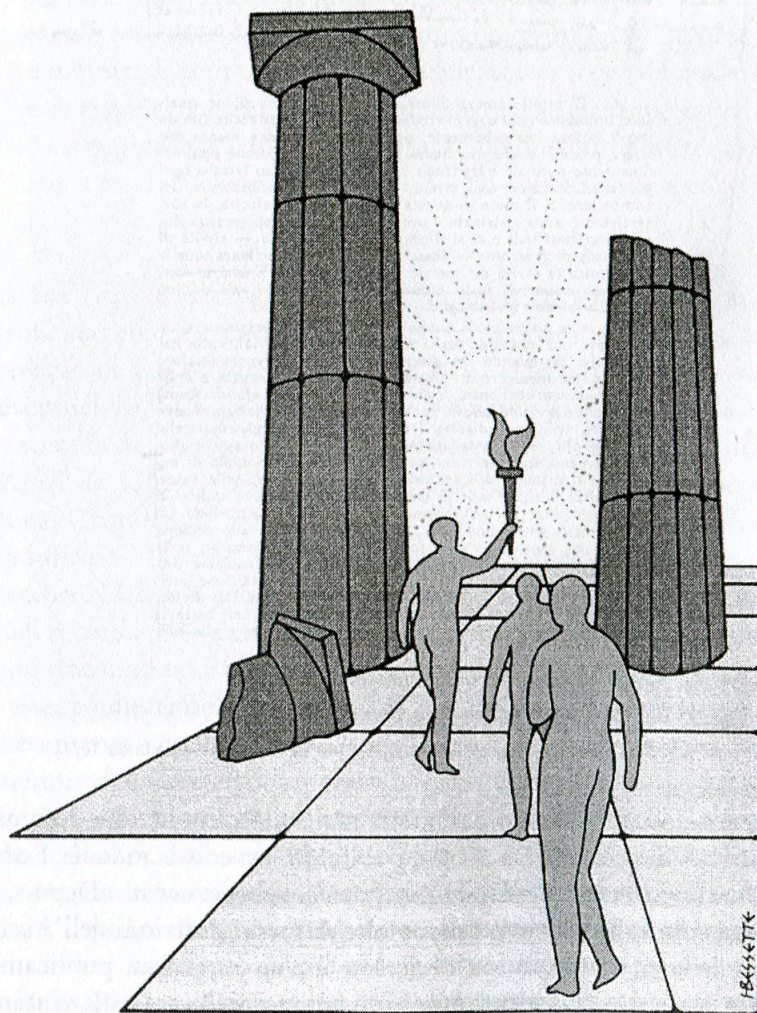
~~Non si pretende che in queste correnti fosse ben netta la distinzione fra l'essenziale e l'accessorio, che in esse alle idee~~

5

As primeiras linhas de *Orientações* corrigidas por Evola (edição italiana de 1971).

Encerrado este «cómico parêntesis judicial»[84], Evola pode retomar as suas actividades. Ainda em 1951 é publicada, no editor milanês Bocca, a reedição, revista e corrigida, de *Revolta contra o mundo moderno*. Depois, dois anos mais tarde, as romanas Edições do Machado [Edizioni dell'Ascia (n. t.)], fundadas por um amigo de Evola, Tommaso Passa, publicam um livro, *Os Homens entre as ruínas*, que o seu autor classificará uma vintena de anos mais tarde, aquando da sua reedição, como o «único estudo dotado

de um pensamento "reaccionário", antidemocrático e antimarxista, sem perifrases e sem concessões, que foi publicado depois da Segunda Guerra mundial, não apenas em Itália mas também na Europa».

Prefaciada por razões simbólicas por um homem com um passado guerreiro cheio de glória, o Príncipe Junio Valerio Borghese, esta nova obra retoma, desenvolvendo, os temas já presentes em *Orientações*. Expõe, particularmente, uma doutrina do Estado, com base no postulado segundo

Desenho de capa de Jean-Claude Bessette para a segunda edição francesa de *Os Homens entre as ruínas*, publicado nas edições Pardès.

o qual «*o fundamento de todo o verdadeiro Estado é a transcendência do seu princípio, quer dizer do princípio da suberaneidade, da autoridade e da legitimidade*»[85], uma condenação, ora em diante sem reserva, do reino da economia (classificada de «demonia»), bem como uma análise das «armas da guerra oculta», acompanhados de um estudo consagrado às «formas e condições prévias da unidade europeia». Esta aproximação doutrinal baseia-se numa distinção metafísica entre o *indivíduo* e a *pessoa*, a segunda - espiritualmente qualificada enquanto que o primeiro não é senão uma unidade intermutável - podendo apenas pretender um reconhecimento qualificativo.

> «Faculdades muito diferentes do ser humano são estimuladas nos fenómenos políticos, segundo a natureza do que poderíamos chamar o "centro de cristalização" correspondente. Noutros termos, aqui como em todo o lado, reina a lei das afinidades electivas, que se pode formular deste modo: "O semelhante desperta o semelhante, o semelhante atrai o semelhante, o semelhante une-se ao semelhante". A natureza do princípio sobre o qual se funda, em diversos casos, a *auctoritas* é muito importante, precisamente porque ela é como que a pedra de toque das afinidades electivas, e simultaneamente o factor determinante do processo de cristalização.»
>
> *Os Homens entre as ruínas* (1953)

Mas o livro não corresponde às esperanças que Evola tinha posto nele, convicto da possibilidade de uma grande reacção antidemocrática por parte daqueles a quem *Os Homens entre as ruínas* poderia ter levado sólidas bases doutrinais. A vida parlamentar continua o seu curso pequeno-burguês e todas as tentativas de insuflar outras ideias que não as dominantes chocam contra o duplo muro da apatia e do dinheiro. A infrutífera tentativa de utilizar a revista *Monarchia* do antigo presidente da União Nacional Monárquica e amigo de Evola, Guido Cavalucci, é disso um bom testemunho. Evola oferece a esta três artigos que são publicados em 1956, intitulados «Mística da Monarquia» (Abril), «A Monarquia e a Câmara Alta» (Maio-Junho) e «A Monarquia como princípio e como ideia-força» (Novembro). Mas o entusiasmo da revista é quebrado por dificuldades

financeiras. Simultaneamente, as Edições do Machado [Edizioni dell'Ascia – nota do trad.] optam por rever a sua política editorial.

Sendo que «pouco a pouco as intrigas parlamentares absorveram até os melhores»[86], aniquilando assim definitivamente qualquer esperança de restauração, Evola começa a desapegar-se da acção exterior. As preocupações metapolíticas do sobrevivente num mundo de ruínas apagam-se pois logicamente perante outros centros de interesse, no primeiro plano dos quais está a «metafísica do sexo».

Julius Evola visto por Franco Bevilacqua.

CAPÍTULO II

O METAFÍSICO DO SEXO

O ano de 1957 vê Evola aceitar a proposta do editor milanês Longanesi para traduzir em italiano o célebre livro de Oswald Spengler, *O Declínio do Ocidente*. Na sua introdução, Evola (que tinha consagrado, no número de Junho de 1936 de *La Vita Italiana*, um artigo ao autor de *Anos decisivos* e que prefaciará uma tradução italiana deste último título nas edições «Il Borghese» em 1973), atribui-lhe um *satisfaz*, na medida em que teve o mérito, com a sua oposição entre *Kultur* e *Zivilisation*, de propor uma morfogénese histórica que destrói a representação dominante, linear e progressista. Não deixando, no entanto, de relevar que toda a noção activa da dimensão do supramundo, ou seja, da imanência da transcendência, falta neste livro, razão pela qual «se Spengler dá tanta importância ao mundo dos símbolos e dos mitos, não é no sentido da tendência tradicionalista que remete este mundo para conteúdos metafísicos».[87] O juizo não pode então ser senão mitigado: «Encontramo-nos face a uma concepção pluralista e relativista onde, com evidência, o positivo se mistura com o negativo.»[88]

O ano seguinte reveste-se de uma importância particular, pois é o da publicação de *Metafísica do sexo*[89]. Este livro, que Evola classifica de «principal entre os que [ele] publicou durante este segundo pós-guerra»[90], nasceu, na realidade, de uma cicunstância fortuita. Insatisfeito com a qualidade da única tradução italiana existente de *Sexo e Carácter* de Otto Weininger, o editor Bocca tinha decidido publicar uma nova, cuja realização confiou a Evola. Pensando desde logo acrescentar ao seu trabalho uma introduçaõ crítica sobre as teorias do filósofo vienense, não tarda a aperceber-se que

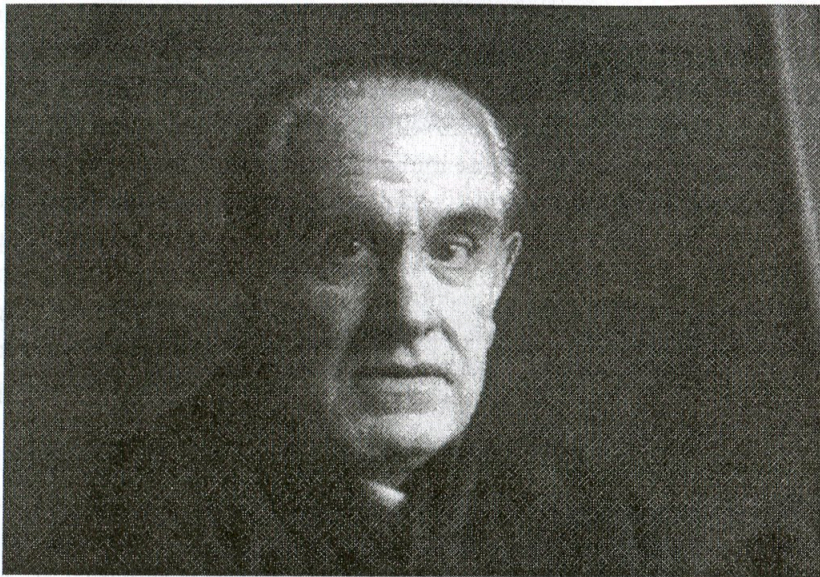
as suas análises não podem ser vertidas num quadro tão estreito e constrangedor. A tradução saiu pois como previsto, mas o projecto de introdução encontra uma concretização largamente superior pois acaba na redação de uma obra independente, «inteiramente consagrada a este assunto».[91]

«A Mãe do Universo». Óleo sobre tela pintado por Evola poucos anos antes do seu falecimento.

Metafísica do Sexo é um livro extraordinário, no sentido literal do termo. Nada de comparável foi alguma vez escrito sobre o assunto, se o considerarmos sob o duplo ponto de vista da amplidão das referências teóricas e das perspectivas práticas deduzidas do desenvolvimento destas mesmas referências. A palavra «metafísica» é utilizada numa dupla acepção,

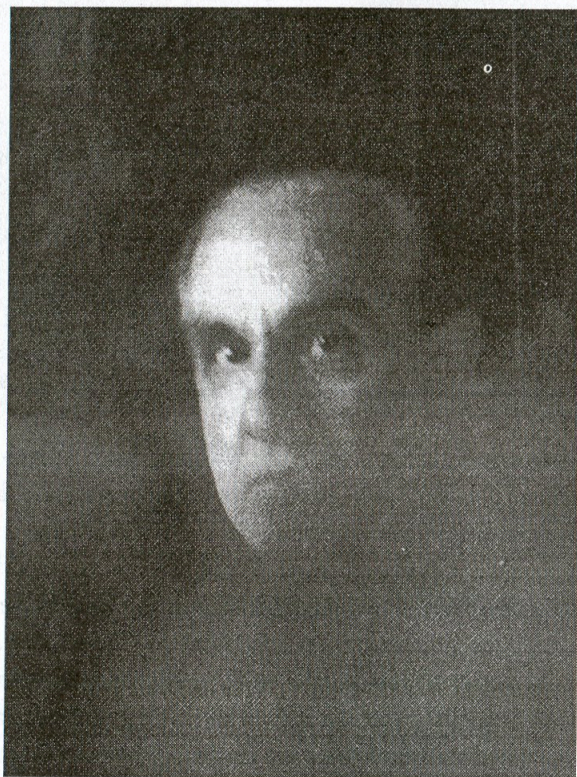
que Evola explica nos seguintes termos: «A primeira é bastante comum em filosofia, em que se entende por "metafísica" a busca dos princípios e das significações últimas. Uma metafísica do sexo designará pois o estudo daquilo que significam, dum ponto de vista absoluto, seja os sexos, seja as relações entre os sexos [...]. Mas aqui a palavra "metafísica" será também entendida num segundo sentido, relacionado com a sua etimologia, uma vez que a "metafísica" designa, em sentido literal, a ciência daquilo que transcende o plano físico.»[92] Mas o leitor depressa se apercebe que, longe de se ignorarem reciprocamente, as duas significações encontram «uma convergência natural»[93], porque a «transcendência do plano físico» não remete para «conceitos abstractos ou ideias filosóficas, mas para o que resulta, como possibilidade de uma experiência não exclusivamente física, transpsicológica e transfisiológica, de uma doutrina dos estados múltiplos do Ser, de uma antropologia que não se fica, como a dos tempos mais recentes, pelo simples binómio alma-corpo, e conhece, pelo contrário, modalidades "subtis" do conhecimento humano».[94] Quanto ao «fio condutor» do raciocínio, é o que consiste em «explicar o inferior partindo do superior, segundo o método e a antropologia tradicionais [...] e não vice-versa, segundo a inclinação constante de quase todo o pensamento moderno».[95]

> «Não nos podemos mais perguntar se a "mulher" é superior ou inferior ao "homem", como não nos podemos perguntar se a água é superior ou inferior ao fogo. Para cada um dos sexos, o critério de medida não pode, pois, ser fornecido pelo sexo oposto, mas apenas pela "ideia" do sexo ao qual se pertence. Noutros termos, é estabelecer a superioridade ou a inferioridade de uma dada mulher em função da sua maior ou menor proximidade da tipicidade feminina, da mulher pura ou absoluta; e o mesmo vale para o homem.»
>
> *Metafísica do Sexo* (1958)

Daí a recusa de remeter, à maneira naturalista, a sexualidade humana para o domínio da sexualidade animal de que ela seria um simples prolongamento. Daí igualmente a análise do *eros* como «tentativa de

Fotografia de Stanislao Nievo, 1968.

ultrapassamento das consequências da queda, para sair do mundo da finitude e da dualidade, para recuperar o estado primordial, para vencer a condição de uma existencialidade dual, quebrada e heterodependente»[96], e a apresentação do sentido último da metafísica do sexo: «Através da díada, em direcção à unidade»[97], sentido expresso pelo mito do Andrógino.

Para ser realmente compreendida e apreciada, *Metafísica do Sexo* exige, pois, ser apreendida indissociavelmente e a um triplo nível: desde logo, enquanto aplicação da visão do mundo própria à Escola da Tradição num domínio geralmente abandonado unicamente aos psicanalistas e outros «sexólogos»; depois, enquanto um texto, se não iniciático, pelo menos propedêutico a uma iniciação ligada às vias que um Pascal Beverly Randolph (longamente estudado no último capítulo da obra) designa como *Magia Sexualis*; enfim, enquanto uma chave permitindo compreender melhor, situando-as num contexto alargado, certas obras anteriores de Evola, a começar por *Revolta contra o mundo moderno*[98], onde se afirmava já que «O sexo não é verdadeiro e absoluto senão na ordem do espírito.»

À *Metafísica do Sexo* sucedem uma brochura, acrescida de comentários e de um ensaio introdutório, consagrado aos *Versos de Ouro* pitagóricos[99], trabalho encomendado que Evola aceita apesar de não ter «muita simpatia pelo pitagorismo» de que lamenta o «carácter híbrido»[100], e depois um estudo introdutório ao *Tao Tê King* de Lao Tsé que as edições Ceschina publicam em Milão. Este último poderia aparecer como perfeitamente menor no percurso de Evola, tanto que não faz senão retomar o trabalho realizado anteriormente para as edições Carabba. Mas o texto de 1959 difere consideravelmente deste de 1922. Desde logo, o ponto de vista não é já o mesmo pois, como o próprio Evola explica, «a nova apresentação põe deliberadamente de lado toda a superestrutura filosófica e segue um ponto de vista tradicional. Assim, a obra de Lao Tsé não é mais estudada de modo isolado, mas no quadro da tradição extremo-oriental à qual pertence».[101] Essencialmente Evola insiste, com razão, na importância de dois conceitos centrais e complementares do taoísmo, o «não-agir» (*wu wei*) que distingue do quietismo, e a sua «contrapartida positiva», «o agir sem agir» (*wei wu wei*). Ora, este último, pelo facto de que a sua possibilidade depende de uma simbiose entre o homem e o «Céu», remete bem mais para o domínio da Contemplação do que para o da Acção. O homem que atinge os quinze últimos anos da sua existência torna-se assim um guerreiro contemplativo. A Contemplação à qual acede Evola não é, certamente, a de um Guénon ou de um Schuon. Todavia, ela não é menos real, como o prova, dois anos mais tarde *Cavalgar o tigre*[102], com a sua demonstração implacável da inutilidade absoluta, de agora em diante, de toda a acção exterior e o seu apelo ao desapego. Este livro, que precede cronologicamente um título de menor interesse consagrado ao «Trabalhador» no pensamento de Ernst Jünger[103], marca a ligação definitiva de Evola à primeira das duas disposições que caracterizam a sua natureza, a saber «o impulso para a transcendência».

Fotografia de Stanislao Nievo, 1968.

CAPÍTULO III

O VENCEDOR DO TIGRE

«Propomo-nos, nesta obra, estudar alguns aspectos da época actual que formam, essencialmente, uma época de dissolução, e abordar simultaneamente o problema do comportamento e dos modos de existência que, em semelhante situação, convém a um determinado tipo humano. Esta última restrição não deverá nunca ser perdida de vista. O que se lerá seguidamente não diz respeito ao conjunto dos nossos contemporâneos, mas unicamente ao homem, o único que nos importa, que, estando comprometido com o mundo actual, mesmo lá onde a vida moderna é, ao mais alto nível, problemática e paroxística, não pertence todavia interiormente a este mundo, não pretende ceder relativamente a este e se sente, devido à sua essência, de uma raça diferente da da maior parte dos homens de hoje.»[104]

Estas linhas de abertura de *Cavalgar o tigre* dão o mote do que se pretende um texto essencialmente didáctico, e em simultâneo profundamente «inactual», no sentido nietzschiano do termo. Evola propõe-se, efectivamente, dar (como o indica o subtítulo do seu livro) «orientações existenciais para uma época de dissolução». Não a qualquer um, evidentemente, mas apenas àqueles que lhe interessa, àqueles que, incarnando um tipo humano que, pela necessidade cíclica da involução, é cada vez mais raro e está ainda apto para compreender tais orientações e, mais importante, para as pôr em prática. Tais homens, a que Evola chama «diferenciados» para os distinguir de uma humanidade cada dia mais semelhante a um imenso corpo sem alma, caminhando para o caos do informe, são interiormente estrangeiros no mundo moderno, eles cuja

«pátria e lugar espiritual são a outra civilização»,[105] a da Tradição. O ensinamento que devem fazer seu é aquele que permita resistir às forças de dissolução (das «Águas inferiores») hoje libertadas, sem se deixarem afectar. É esse o sentido da sentença extremo-oriental que dá título à obra, e que «significa que se se conseguir cavalgar um tigre, impedindo que ele se vire sobre vós e, pelo contrário, se não se abrir mão, se se segurar a presa, pode ser que no fim se saia vitorioso».[106] Nem esperança de reconstrução, pois, nem desespero niilista, mas antes (para retomar um termo de André Gide) a «inesperança» daqueles que se mostram capazes

Um homem diferenciado que se dirige apenas aos seus semelhantes.

de aliar a mais extrema lucidez à mais inquebrantável coragem, de permanecer firmes como aquele promontório «contra o qual as ondas se desfazem em vão» oferecido como modelo por Marco Aurélio.

Uma vez que não se trata já de defender o que quer que seja mas unicamente de se religar à dimensão da transcendência enquanto tal, a Via a seguir pelos «homens diferenciados» não pode ser a dos ritos e da recondução das formas. Só a «Via da Mão Esquerda» se revela ainda praticável, ligada ao lado destruidor do Princípio (a manifestação *tamâsica* de Shiva na *Trimûrti* hindú), porque ela «pode comportar, não apenas o desapego a toda a norma existente (como na ascese absoluta), mas também uma destruição, a anomia, a recusa destruidora das ligações, sempre realizada, todavia, sob o sinal do incondicionado».[107] A «Via da Mão Esquerda» oferece assim àqueles que a seguem os meios de resposta efectiva à questão que perseguia Nietzsche: «O que pode haver depois do niilismo europeu?» Para esses, trata-se ora avante de se elevar, não mais além mas aquém das formas, para descobrir o que é superior a toda a forma, para conseguir dissolver sem se ser dissolvido. É por isso que, afirma Evola, «o *afele panta* plotiniano – quer dizer: «despoja-te de tudo» –, tal deve ser o princípio daqueles que sabem ver claramente a situação actual».[108]

> «Deve-se cortar toda a ligação com o que está destinado a desaparecer a longo ou curto prazo. O problema será então o de manter uma direcção geral sem se apoiar em nenhuma forma dada ou transmitida, incluindo as do passado, que são autenticamente tradicionais mas que pertencem já à história. A continuidade não poderá ser mantida senão num plano por assim dizer existencial, ou, mais precisamente, sob a forma de uma orientação íntima do ser juntamente com a maior liberdade exterior.»
> *Cavalgar o tigre* (1961)

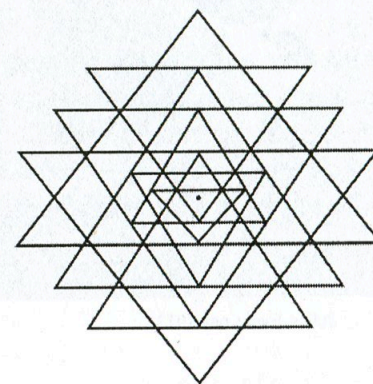
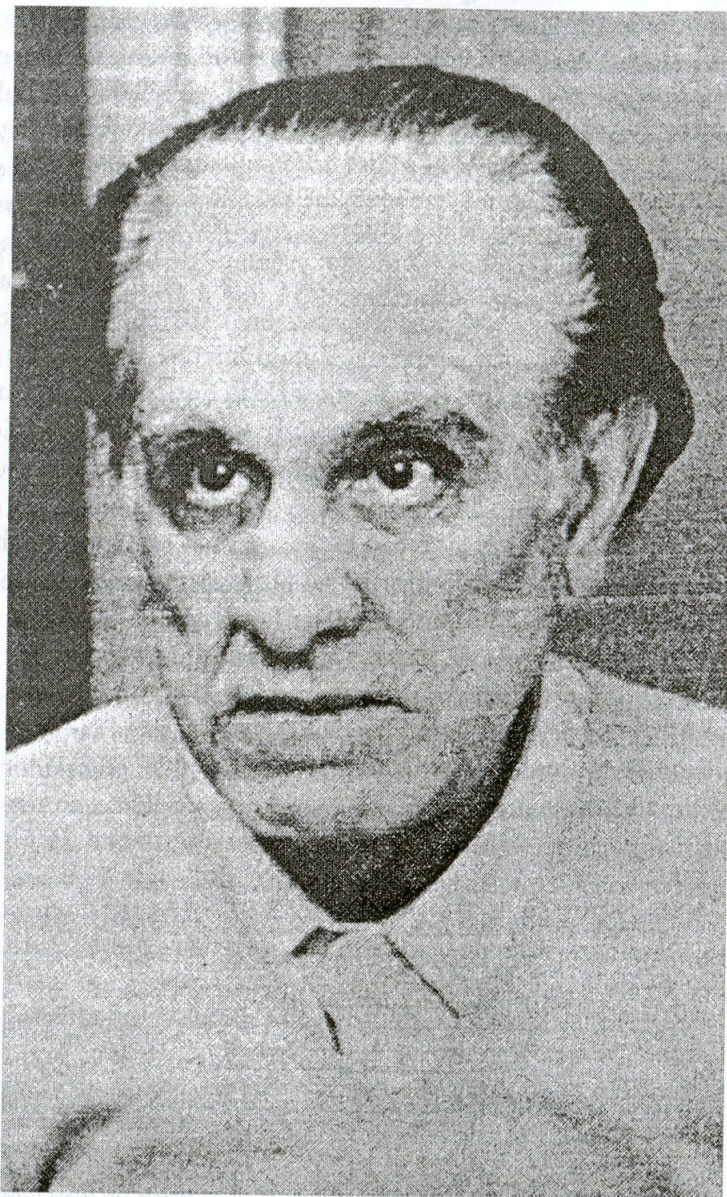
«Despojamento» que é metafísico, pois, mas também político, uma vez que nada mais existe hoje neste plano que mereça ser salvo. O «homem diferenciado» deve deste modo adoptar como princípio a *apoliteia*, quer dizer «a irrevogável distância interior relativamente à sociedade moderna e aos seus "valores"», recusando «unir-se a ela ainda que pela menor ligação

espiritual ou moral».[109] Embora Evola deixe claro que a *apoliteia* «não exija nenhum requisito prévio especial no plano exterior, não tem necessariamente por corolário um abstencionismo prático»[110], é forçoso constatar que a problemática da reconstrução que sustém *Orientações* e *Os homens entre as ruínas* aparece como definitivamente obsoleta àquele que afirma, com base em experiências que viveu durante os anos que findaram, não poder «deixar de reconhecer abertamente que as condições necessárias para chegar a um qualquer resultado, apreciável e concreto numa luta deste género, fazem falta actualmente».[111] Posição honesta e corajosa, mas que conduzirá muitos tradicionalistas, extremados pelo prurido do activismo, a subestimar *Cavalgar o tigre*, quando não os leva até a rejeitar pura e simplesmente uma obra cuja profunda lucidez se tem revelado mais a cada dia desde a data da sua primeira publicação. Mas esta tomada de posição será interpretada, também, por alguns, pelo contrário – e de um modo perfeitamente aberrante – como um apelo ao terrorismo, para um maior benefício ideológico de um «Sistema» sempre pronto a recuperar as armas erguidas contra ele, debaixo do olho eternamente atonal e cúmplice do rebanho eleitoral.

Quando é publicada, dois anos após *Cavalgar o tigre*, a sua autobiografia intelectual e espiritual, *O Caminho do Cinábrio*, Evola tem a idade de 65 anos. O momento parece-lhe então o de «fornecer um guia àqueles que, interessando-se pelo conjunto dos [seus] escritos e da [sua] actividade, se querem orientar e estabelecer o que pode ter, nessa actividade, uma significação que ultrapasse o plano pessoal e episódico».[112] Mas este livro, do qual todo o narcisismo está ausente, como se poderia esperar da parte de um homem que tinha erigido como regra de vida o princípio do «impessoalismo activo», não marca o fim das suas actividades. Dois títulos lhe sucedem. *O Fascismo visto da direita*, antes de mais,[113] o qual analisa o período do Ventennio «do ponto de vista da Direita»[114], quer dizer, separando aspectos positivos e aspectos negativos segundo a visão do mundo que expunham *Orientações* e *Os Homens entre as ruínas* e que irrigava a «Autodefesa» apresentada no processo de 1951 (a segunda edição, publicada seis anos mais tarde, alargará a reflexão ao Terceiro Reich); *O Arco e a Clava*, seguidamente[115], antologia que retoma textos já publicados aos quais se juntam outros inéditos e que permite a Evola precisar um determinado número de pontos doutrinais. Podemos lamentar, todavia, que uma

vontade polémica o leve, em certas páginas, a exprimir-se, sem dúvida, com menor rigor do que rigidez.

Entre 1968 e 1974, ano da sua morte, Evola, cuja saúde se deteriora, não escreve mais livros. Mas supervisiona a publicação de recolhas e redige numerosos artigos. Aceita receber alguns visitantes, aos quais dirige palavras e o exemplo vivo de um homem que se recusa a colocar qualquer distância entre as suas palavras e os seus actos. Alguns permanecerão marcados para toda a vida, como Pierre Pascal ou Henri Hartung, que evocará as suas conversas num comovente testemunho intitulado: «Encontros romanos no meio das ruínas», e depois num livro, *O lírio e o lótus*, ou ainda Gaspare Cannizzo, criador da revista *Vie della Tradizione* cujas páginas receberão, uma dezena de vezes, a assinatura evoliana. Outros, que por isso só se desonrarão a si próprios, escolherão abusar da confiança acordada para apresentar, com base em declarações «retocadas», uma visão tão falsa como aliciante de um homem definitivamente muito grande para as suas estreitas categorias mentais.

A 11 de Junho de 1974 às 15 horas, Evola morre à sua mesa de trabalho. O seu corpo é incinerado, conforme às últimas vontades do defunto expressas num testamento datado de 30 de Janeiro de 1970. A cremação tem lugar a 10 de Julho às 22 horas e 30 minutos, em Spoleto. A 26 de Agosto, às 19 horas, a urna contendo as cinzas é depositada por Renato Del Ponte – junto de quem Evola havia exprimido o seu desejo – numa concavidade do Monte Rosa, a 4200 metros de altitude, ou melhor (para retomar uma fórmula nietzschiana), «a 6000 pés para lá do homem e do tempo».

O «misterioso símbolo geométrico recomendado por Julius Evola» comentado por Renato Del Ponte (*L'Italiano*, Julho de 1971) na capa dos três volumes da nova edição de *Ur e Krur*.

Julius Evola em 1973.

BREVE HOMENAGEM CRÍTICA EM JEITO DE CONCLUSÃO

Um quarto de século após a sua morte, Julius Evola pertence ao número dos autores que é mal visto estudar e mais ainda citar. Se a dimensão metafísica da visão do mundo evoliana já quase não desperta a ira dos zelosos guardiães da moral e do *politicamente correcto*, o mesmo não se passa com as aplicações práticas que o autor italiano cria poder inferir. Assim, a sua proximidade às forças do Eixo e as suas tomadas de posição radicalmente antidemocráticas levam alguns a catalogá-lo sem mais precauções entre os pensadores «fascistas», etiqueta hoje aviltantíssima e que permite sobretudo fazer economia de toda a análise séria.

> «Apenas conta, hoje, o trabalho daqueles que se sabem manter no cume: firmes nos princípios; inacessíveis a todo o compromisso; indiferentes perante as febres, as convulsões, as superstições e as prostituições, ao ritmo das quais dançam as últimas gerações. Apenas conta a resistência silenciosa de um pequeno número, cuja presença impassível de "convivas de pedra" permita criar novas relações, novas distâncias, novos valores, para criar um pólo que, não impedindo, é certo, este mundo de desenraizados e agitados de ser o que é, permitirá, todavia, transmitir a alguns a sensação da verdade, sensação essa que será talvez também o despoletar de alguma crise libertadora.»
>
> *Revolta contra o mundo moderno* (1934)

Ora, se Evola suporta aqui ou ali a crítica, é num outro plano. Podemos evocar essa crítica essencialmente no que respeita à sua leitura da Tradição algumas vezes exageradamente idiossincrática, que o leva a afirmar – ao contrário das fontes mais autorizadas – a primordialidade da Realeza sobre o Sacerdócio e a inverter a hierarquia natural e legítima das duas castas superiores; ou ainda a propósito das implicações étnicas derivadas do tema da «Luz do Norte», em contradição com o princípio das implicações da «Tradição universal». Não poderíamos deixar passar em silêncio a afirmação do ponto n.º 6 de *Orientações*, propriamente aberrante no plano histórico e ainda mais inaceitável por emanar de um denunciador da «demonia da economia», que faz da «questão social» uma simples consequência, um produto amplamente artificial da agitação sustentada pelos marxistas. Uma tal inversão de causalidade não nos pode senão deixar perplexos, sobretudo quando depararíamos com Evola na dupla vontade da «desproletarização ideológica» e da instauração do corporativismo como único antídoto possível, tanto contra o capitalismo como contra o colectivismo

Mas o essencial não está aí. Para lá das fraquezas pontuais, ele permanece o exemplo aristocrático oferecido por aquele a quem atribuiríamos naturalmente a frase que Nietzsche forjou a propósito de Miguel de Montaigne: «Sentimo-nos felizes com o pensamento de que um tal homem tenha existido.» Isto apesar de toda a vontade hagiográfica, simplesmente em nome do dever de homenagem a quem soube permanecer, durante toda a sua vida, fiel a si mesmo e aos seus valores e se contou pois, até ao último instante, entre o número dos raros ainda capazes (para falar como o próprio Evola) de «tornar válidas as palavras da antiga saga: "Fidelidade é mais forte do que fogo"».

Símbolo usado para a capa de *Krur*.

Capa de Jean-Claude Bessette, 1985, para a revista *Totalité* n.º 21/22.

Roma, 30 gennaio 1970

Nella presente forma olografa dichiaro essere mia volontà che, in caso di mio decesso, il mio corpo venga cremato.

Le ceneri dovranno essere rimesse a Maria Antonietta Fiumara, alla quale ho impartito disposizioni per la loro collocazione (indirizzo: Viale di Villa Pamphili 61 Roma).

È da escludersi qualsiasi forma di corteo funebre, di esposizione in chiesa e di intervento religioso cattolico. Il trasporto avvenga direttamente dall'abitazione al luogo di cremazione.

Infine non desidero che sui giornali appaia alcun "annuncio funebre", a parte le notizie che di loro iniziativa volessero dare.

La presente dichiarazione è stata da me rimessa nelle mani della contessa Amalia Baccelli-Rinaldi, mentre un'altra, identica, è stata da me consegnata al mio medico curante e amico Placido Procesi: ciò, al fine che, congiuntamente se necessario, le qui indicate disposizioni vengano rigorosamente seguite.

Non esiste persona a cui riconosca un qualsiasi diritto di interferire nei riguardi di queste mie volontà

Julius Evola

O testamento de Julius Evola.

Deposição da urna contendo as cinzas de Evola por Renato Del Ponte.

«Tal qual ele próprio, finalmente a eternidade transmuta-o» (Stéphane Mallarmé).
Julius Evola no seu leito de morte (pastel de Giuseppe A. Spadaro)

REFERÊNCIAS CRONOLÓGICAS

1898: 19 de Maio, nasce em Roma Giulio Cesare Evola, no seio de uma família católica procedente da pequena nobreza siciliana. O seu pai, Vincenzo, legar-lhe-à o título de barão.

1910-1916: Estudos técnicos e matemáticos. Evola descobre a obra de Nietzsche e as de outros autores que o marcarão profundamente (nomeadamente Michaelstaedter e Weininger) e aproxima-se do movimento futurista.

1917: Participa na Primeira Guerra mundial na qualidade de voluntário, como alferes de artilharia.

1918-1920: Grave crise interior. Só a descoberta do budismo dissuade Evola de se suicidar.

1920-1922: Período artístico. Evola interessa-se pela arte abstracta e sobretudo pelo movimento dadaísta cujo radicalismo o atrai. Relaciona-se pessoalmente com Tristan Tzara, publica poesias, pinta e expõe as suas obras em Itália e no estrangeiro.

1923: Recusa o diploma de engenheiro. Este gesto pretende provar o desprezo pelas distinções académicas.

1923-1927: Período filosófico. Evola elabora, com base numa releitura sapiencial do idealismo, a doutrina do «idealismo mágico» que culmina na exposição da teoria do «Indivíduo Absoluto».

1925: Descoberta de René Guénon graças a Arturo Reghini.

1927: Formação do «Grupo de Ur» que Evola dirige de facto.

1928: Publicação de *Imperialismo pagão* que inicia uma desavença entre Evola e Arturo Reghini. O «Grupo de Ur» torna-se «Krur».

1929: Fim de «Krur».

1930: Em Fevereiro, criação da revista *La Torre*, a qual termina em Junho

do mesmo ano, após dez números e um braço de ferro permanente com as autoridades fascistas que a julgam muito pouco ortodoxa. Descoberta do alpinismo e início das escaladas.

1931-1932: Assina numerosos artigos e publica duas obras: *A Tradição hermética*, *Máscaras e rostos do espiritualismo contemporâneo*.

1934: Publicação de *Revolta contra o mundo moderno* na qual Evola trabalha desde há quatro anos. Ignorado em Itália, o livro será louvado no estrangeiro, nomeadamente por Gottfried Benn e Mircea Eliade. No mesmo ano, Evola vai pela primeira vez à Alemanha. Pronuncia várias conferências, falando, particularmente, perante os membros do Herrenklub de Berlim.

1935: Tradução de *Revolta contra o mundo moderno* em alemão.

1937: Publicação de *Mistério do Graal e a ideia imperial gibelina*. A obra tem como objectivo desenvolver determinados temas abordados em *Revolta contra o mundo moderno* e combater a apropriação do mito do Graal pela parte do cristianismo.

1937-1941: Elaboração e exposição de uma doutrina racial «tradicional», distinta da da «reviravolta racista» de 1938 e incompatível com as posições oficiais defendidas pelo *Manifesto da Raça*. Benito Mussolini dá a sua aprovação às teses evolianas, as quais permanecerão, todavia, letra morta na Itália fascista.

1942: Redacção de *A Doutrina do Despertar*, publicada no ano seguinte, afim de pagar a dívida contraída anteriormente em relação ao budismo.

1943: 25 de Julho, derrocada do regime mussoliniano. Em Agosto, Evola vai à Alemanha onde encontra Giovanni Preziosi. A 9 de Setembro, encontra-se com ele no quartel de Hitler, em Rastenburg, onde Mussolini se junta a eles a 14. A 15, a República Social Italiana é proclamada, decisão que Evola desaprova. Regressado a Roma, participa na constituição de um «Movimento para o Renascimento da Itália» destinado a preparar o terreno para uma reconquista ideológica.

1944: 4 de Junho, entrada dos Aliados em Roma. Evola escapa a uma tentativa de prisão e dirige-se a Verona. Depois chega a Viena onde continua a sua acção no anonimato, trabalhando particularmente na redacção de uma *História secreta das sociedades secretas* com base em documentos fornecidos pelos serviços alemães.

Julius Evola, no pátio do caserne em Ariago.

1945: Lesão da medula espinal aquando de um bombardeamento sobre Viena, tendo como consequência permanente a paralisia parcial dos membros inferiores.

1946-1947: Hospitalização em diversas clínicas austríacas.

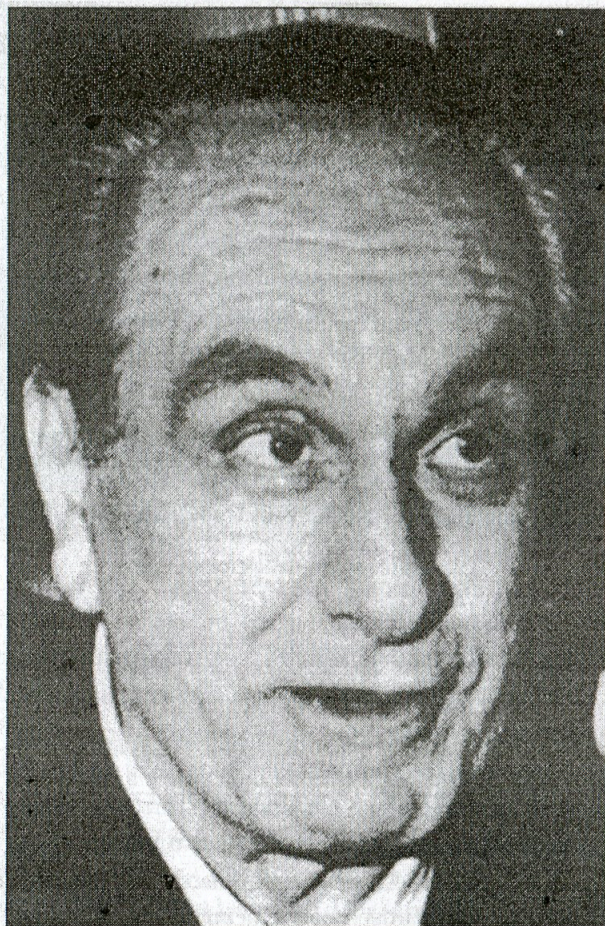
1948: Repatriamento em Itália e estadia em clínicas de Bolonha.

1949: Redacção de *Orientações*, publicado no ano seguinte.

1951: Regresso ao domicílio romano do Corso Vittorio Emanuele II. A actividade ideológica de Evola e a influência das suas ideias sobre certas facções da juventude contestatária inquietam as autoridades, o que o levará à prisão em Abril e durante seis meses. O seu processo

por encorajamento à reconstituição do partido fascista inicia-se em Outubro perante o Tribunal Criminal de Roma. Conclui-se a 20 de Novembro pela sua absolvição.

1953: Publicação de *Homens entre as ruínas*, obra que tem por objectivo fornecer bases doutrinais para uma reunião das forças de Direita na perspectiva de uma reacção antidemocrática. Mas as esperanças de Evola desaparecem rapidamente.

1958: Publicação de *Metafísica do sexo*.

O exemplo aristocrático de um homem que soube permanecer até ao último instante fiel a si próprio e ao seu ideal.

1959: Redacção de um estudo introdutório ao *Tao Te King* de Lao Tsé que marca o início da ligação de Evola ao pólo contemplativo da sua natureza.

1961: Publicação de *Cavalgar o tigre*. A obra expõe a doutrina da *apoliteia*, a única atitude possível para «o homem diferenciado» que tomou consciência da medida real do mundo moderno e se convenceu da inutilidade absoluta da acção exterior.

1963: Publicação de *Fascismo visto da direita*, destinado a permitir a discriminação dos aspectos positivos e negativos do regime mussoliniano à luz da visão do mundo própria da Direita tradicional.

1969: Publicação de *O Arco e a Clava*.

1970: Segunda edição do *Fascismo visto da direita*, que alarga a análise ao Terceiro Reich.

1974: 11 de Junho às 15 horas, falecimento de Julius Evola.

Desenho de origem desconhecida.

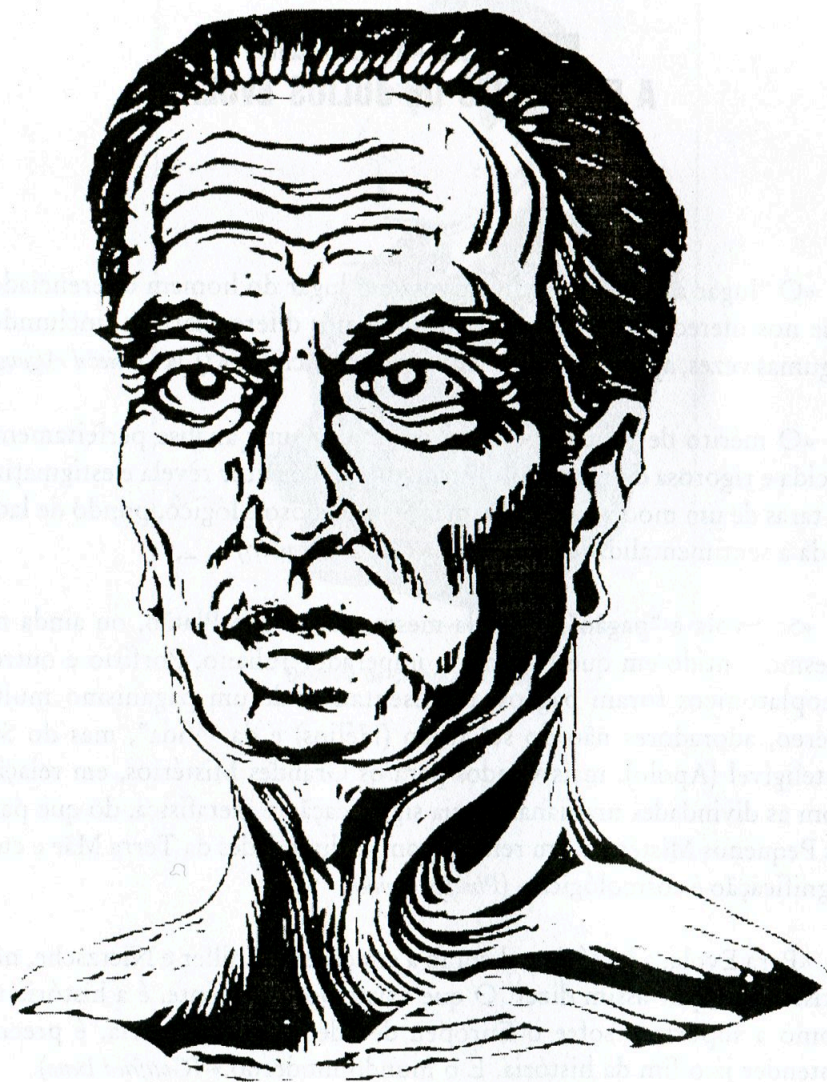
PEQUENA ANTOLOGIA A PROPÓSITO DE JULIUS EVOLA

«O "lugar à parte" de Julius Evola é o lugar do homem diferenciado, que nos oferece assim a possibilidade de nos diferenciarmos, incluindo, algumas vezes, a propósito dos seus próprios escritos.» (*Luc-Olivier d'Algange*)

«O mérito de Julius Evola é o de propor uma análise perfeitamente lúcida e rigorosa do mundo moderno do qual o autor revela e estigmatiza as taras de um modo simultaneamente impiedoso e lógico, pondo de lado toda a sentimentalidade subjectiva.» (*Michel Angebert*)

«Se Evola é "pagão", é-o pela mesma razão que Platão, ou ainda no mesmo sentido em que Plotino, o imperador Juliano, Porfírio e outros neoplatónicos foram pagãos: representantes de um paganismo muito etéreo, adoradores não do sol físico (Hélios) e da "Vida", mas do Sol Inteligível (Apolo), mais virados para os Grandes Mistérios, em relação com as divindades uranianas e cuja significação é metafísica, do que para os Pequenos Mistérios, em relação com as divindades da Terra Mãe e cuja significação é cosmológica.» (*Philippe Baillet*)

«Para Evola, a história, tal como a concebem Schiller e Nietzsche, não existe mais, por assim dizer. O que existe positivamente, é a história tal como a suporta e sofre o Europeu decadente. Por história, é preciso entender já o fim da história. É o mundo moderno.» (*Gottfried Benn*)

«O que propõe Evola, é pois uma contestação radical da sociedade burguesa, mas uma contestação inversa da que vemos exprimir-se hoje – que é a sua antítese relativa.» (*Alain de Benoist*)

Desenho de origem desconhecida.

«Evola propõe-se não ser enganado por ninguém, não ceder ao que Bernanos chamava "a universal cumplicidade dos cobardes". Mas não se contenta com quebrar o espelho, ele oferece àquele que não pode sair do mundo os meios de uma verdadeira conquista espiritual, de uma transcendência no confronto.» (*Christophe Boutin*)

«Ele foi um modelo humano mais único que raro e, pondo de lado o que escreveu e ensinou, constituirá sempre um ponto de referência pela maneira como conduziu a sua vida: uma vida de verdadeiro Barão e de verdadeiro Cavaleiro no sentido mais elevado e tradicional dos termos.» (*Gaspare Cannizzo*)

«A sua influência, se foi pouca sobre o fascismo, é pelo contrário considerável sobre as direitas radicais do pós-guerra. Este autor de uma "metafísica da guerra" e de uma "doutrina da vitória" encontrou finalmente mais eco na paz e na derrota, último paradoxo aparente de um pensador do intemporal tomado pela tentação da história e de um monarquismo não cristão.» (*Jean-Luc Coronel*)

«Triste e extravagante personagem.» (*Umberto Eco*)

«Evola não sofreu nenhuma influência. Eis o que o torna simpático aos nossos olhos.» (*Mircea Eliade*)

«Julius Evola é um guerreiro, essa é a sua natureza. Ele não pode ser concebido de outro modo que não esse.» (*David Gattegno*)

«Evola é definitivamente bem singular.» (*René Guénon*)

«Evola é aterrorizador. O que quer dizer que ele aterroriza! Mas também que permite essa ruptura de nível para lá da qual não há mais terror.» (*Henri Hartung*)

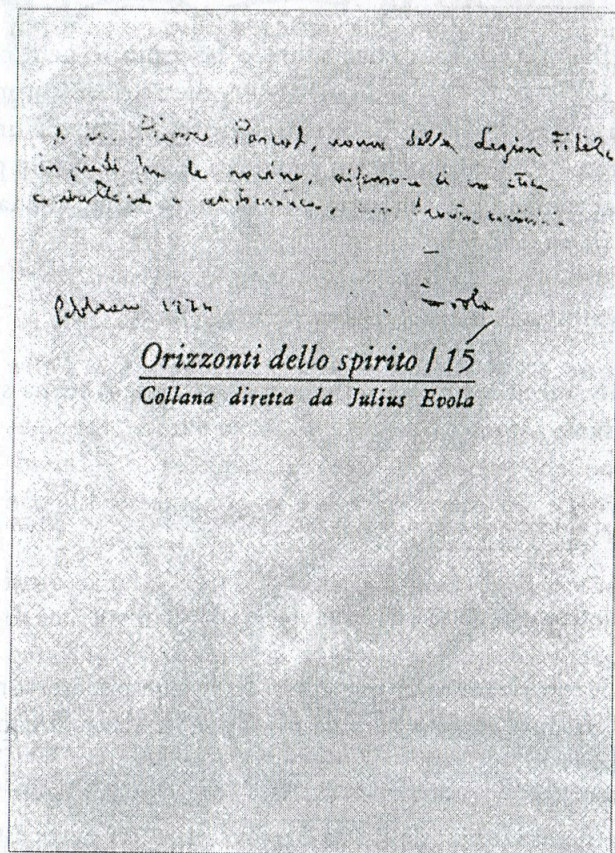
«O que cabe aos leitores de Julius Evola, é procurar entre estas ruínas o rosto de um amanhã que está já entre nós, talvez irreconhecível, mas presente e distinto.» (*Vintila Horia*)

«Julius Evola nada perdeu da sua actualidade, justamente porque está situado no intemporal, depois de ter estado envolvido na maior querela do seu século.» (*Jean Mabire*)

«A rejeição dos valores burgueses e a exaltação do ascetismo guerreiro são as colunas de Hércules do edifício evoliano.» (*Gabriel Matzneff*)

«Todavia, fazer dele um fascista e, *a fortiori*, um nazi resulta da miopia pura e simples. Ou da má-fé.» (*P. L. Moudenc*)

Orizzonti dello spirito / 15

Collana diretta da Julius Evola

Dedicatória a Pierre Pascal.

«Um dos últimos espíritos capazes de revelar os sinais ocultos das capitulações do homem face às advertências do Inevitável.» (*Pierre Pascal*)

«É um destino singular o de Julius Evola, um destino que o levou, através de uma vida e uma obra de um valor excepcional, a um *post mortem* verdadeiramente particular: o de uma presença silenciosa mas sempre activa, estreitamente unida à vontade e à acção da melhor parte da juventude não conformista, que, hoje, em Itália e na Europa, continua a defender em seu nome os ideais que para ele passaram sempre antes de toda a prebenda oficial: ideais de honra, de hierarquia, de fidelidade, de dignidade interior.» (*Renato Del Ponte*)

«Um guia para amanhã.» (*Pino Rauti*)

«Para uma natureza como a de Evola, tão estranha ao "humano, demasiado humano" dos critérios e ideais modernos, o verdadeiro problema é antes de mais o de escapar ao niilismo.» (*Adriano Romualdi*)

«Uma obra caracterizada pela amplidão das perspectivas, a elevação do olhar, bem como pela extensão enciclopédica dos temas e problemas abordados.» (*Pierre-André Taguieff*)

«Um mago à maneira de Sar Péladan, um sobre-teósofo, que chegou no seu género ao máximo da perfeição oculta.» (*A. Tarannes*)

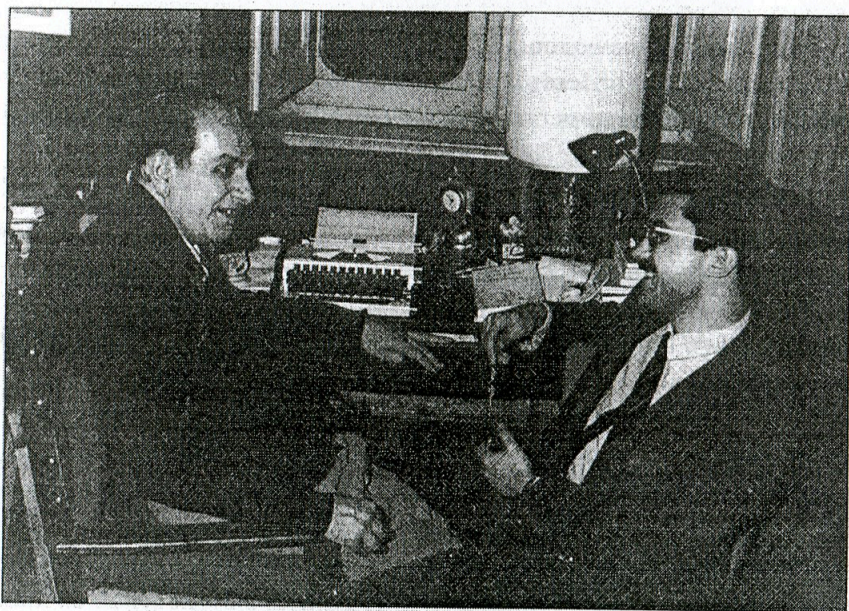
«A caminhada evoliana é pois uma conquista: ela é iniciática, e - reservada aos melhores - intrinsecamente aristocrática.» (*Grégoire Tingaud*)

«Acima de tudo ele inspira uma grande esperança: crer na existência de uma comunidade não aparente de homens que se elevam acima da massa informe e amorfa, e põem desse modo as premissas de uma humanidade mais alta, mais forte, mais dramaticamente significativa, dando assim a sensação de não mais se estar só, de não mais se ser inútil. Este é talvez o verdadeiro, o grande mérito de Evola.» (*Gianfranco de Turris*)

«Já em 1934 ele se tinha insurgido contra o mundo onde vivia (*Revolta*

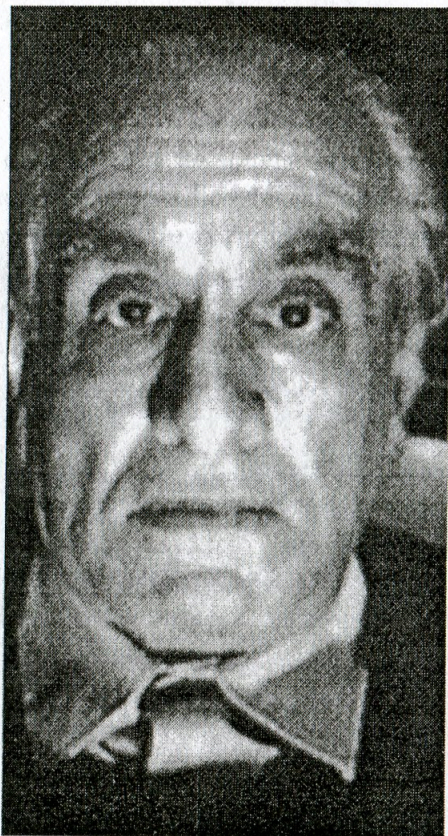
contra o mundo moderno), mas colocando a tónica sobre o esquecimento da espiritualidade.» (*Jean Varenne*)

«Um livro como *Cavalgar o tigre* é explicitamente de inspiração estóica. Num confronto com textos como o *Manual* de Epicteto ou os *Pensamentos* de Marco Aurélio, as analogias saltam aos olhos.» (*Piero Di Vona*)

«Um erudito de génio.» (*Marguerite Yourcenar*)

Gianfranco Turris em amigável conversa com Julius Evola em 1968.

BIBLIOGRAFIA EVOLIANA ESSENCIAL

A presente bibliografia pretende ser antes de tudo indicativa. Apenas retivemos, por exemplo, entre as recolhas de artigos, conferências e poemas publicados quer em vida de Julius Evola quer *post mortem*, os que foram traduzidos para francês. Quem deseje ir mais longe é convidado a reportar-se particularmente aos seguintes trabalhos: Christophe Boutin, *Politique et Tradition. Julius Evola dans le siècle*, Kimé, Paris, 1992, p. 456-494; Alain de Benoist, «Bibliographie de Julius Evola», in Coll. (sob a direcção de Arnaud Guyot-Jeannin), *Julius Evola*, L'Âge d'Homme, «Les Dossiers H», Lausanne, 1997, p. 231-267; Jean-Paul Lippi, *Julius Evola, métaphysicien et penseur politique. Essai d'analyse structurale*, L'Âge d'Homme, «Les études H», Lausanne, 1998, p. 275-305. Os leitores italianófonos poderão acrescentar com proveito a seguinte referência: Renato Del Ponte, «Julius Evola, una bibliografia, 1920-1994», *Futuro Presente*, n.º 6, Primavera de 1995, p. 27-70.[116]

Símbolo e título da grande revista italiana de Evola.

I) Obras de Julius Evola

Arte astratta, posizione teorica, 10 poemas e 4 composições, («Collection Dada», Zurique), Roma, 1920.

La parole obscure du paysage intérieure, Poema a 4 vozes, («Collection Dada«, Zurique), Roma, 1921.

Il libro della Via e della Virtù di Lao Tze, Carabba, Lanciano, 1923.

Saggi sull'idealismo magico, Atanor, Todi-Roma, 1925.

L'uomo comme potenza. I Tantra nella loro metafisica e nei loro metodi di autorealizzazione, Atanor, Todi-Roma, 1926.

Teoria dell'Individuo Assoluto, Bocca, Turino, 1927.

Imperialismo pagano. Il fascismo dinanzi al pericolo euro-cristiano, con un appendice polemica sulle reazioni di parte guelfa, Atanor, Todi-Roma, 1928; tr. fr. Philippe Baillet, *Impérialisme païen*, Pardès, Puiseaux, 1993.

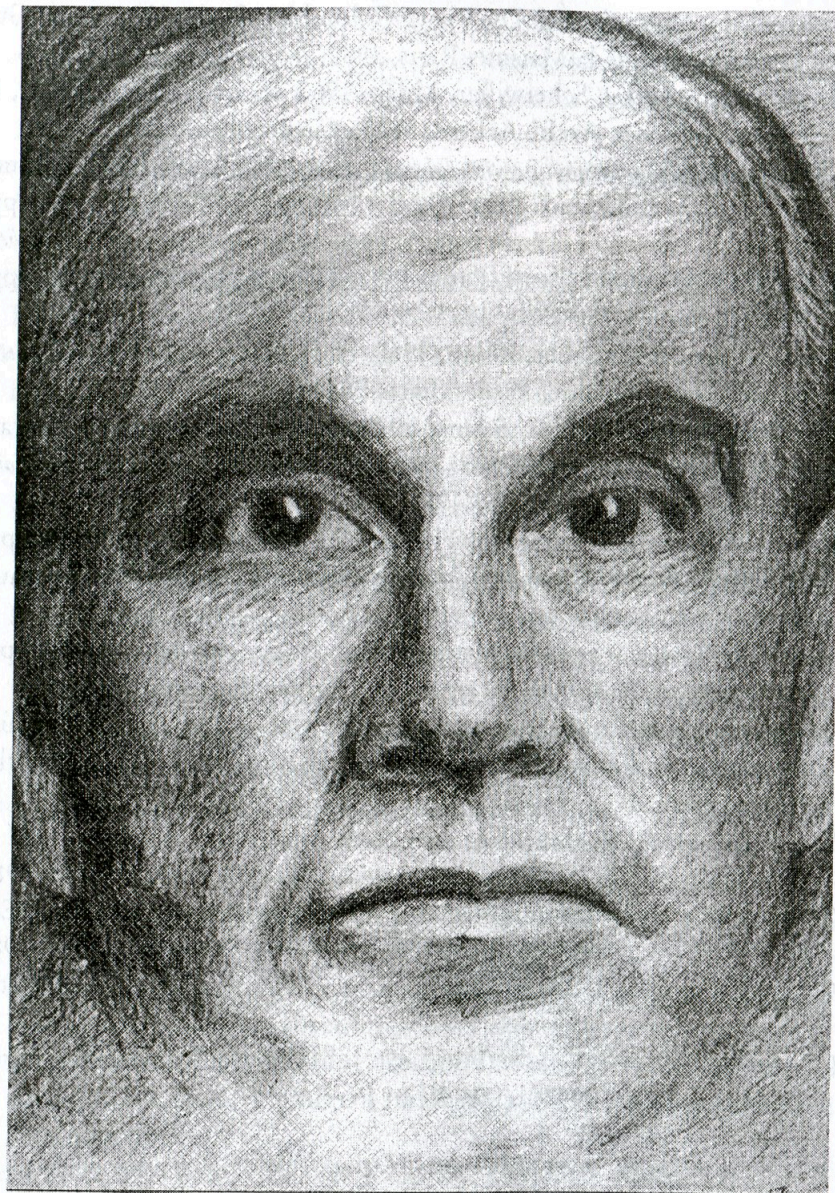
Fenomenologia dell'Individuo Assoluto, Bocca, Turino, 1930.

La Tradizione ermetica, nei suoi simboli, nella sua dottrina e nella sua «arte regia», Laterza, Bari, 1931; tr. fr. Yvonne J. Tortat, *La Tradition hermétique, les symboles et la doctrine, l'«art royal» hermétique*, Chacornac, Paris, 1968; e Éditions Traditionnelles, Paris, 1972.

Maschera e volto dello spiritualismo contemporaneo. Analisi critica delle principali correnti moderne verso il «soprannaturale», Bocca, Turino, 1932; tr. fr. Pierre Pascal, *Masques et visages du spiritualisme contemporain*, Éditions de L'Homme, Montreal, 1972; 2.ª tr. fr. Philippe Baillet, Pardès, Puiseaux, 1991.

Rivolta contro il mondo moderno, Hoepli, Milão, 1934; tr. fr. *Révolte contre le monde moderne*, Éditions de L'Homme, Montreal, 1972; 2.ª tr. fr. Philippe Baillet, L'Âge d'Homme, Lausanne, 1991.

Tre aspetti del problema ebraico nel mondo spirituale, nel mondo culturale, nel mondo economico-sociale, Mediterranee, Roma, 1936.
Il mistero del Graal e la tradizione ghibelina dell'Impero, Laterza, Bari, 1937; *Le Mystère du Graal et l'idée imperiale gibeline*, Éditions Traditionelles, Paris, 1967.
Il mito del sangue. Genesi del razzismo, Hoepli, Milão, 1937; tr. fr. anónima, *Le Mythe du sang*, L'Homme Libre, Paris, 1999.
Sintesi di dottrina della razza, Hoepli, Milão, 1941.
Indirizzi per una educazioni razziale, Conte, Nápoles, 1941; tr. fr. Gérard Boulanger, *Éléments pour une éducation raciale*, Pardès, Puiseaux, 1984.
Die arische Lehre vom Kampf und Sieg, Schroll Verlag, Viena, 1941; tr. fr. Philippe Baillet, «La doctrine aryenne de lutte et de victoire», *Totalité*, n.º 7, Julho de 1979; 2.ª tr. fr. H. J. Maxwell, «La doctrine aryenne du combat et de la victoire», in *Symboles et «mythes» de la Tradition occidentale*, Archè, Milão, 1980; 3.ª tr. fr. François Maistre, *La Doctrine aryenne du combat et de la victoire*, Pardès, Puiseaux, 1987.
La dottrina del Risveglio. Saggio sull'ascesi buddhista, Laterza, Bari, 1943; tr. fr. Pierre Pascal, *La Doctrine de l'Éveil. Essai sur l'ascèse bouddhiste*, Adyar, Paris, 1956; 2.ª tr. fr. (igualmente de Pierre Pascal), *La Doctrine de l'Éveil. Essai sur l'ascèse bouddhique*, Archè, Milão, 1976.
Lo Yoga della Potenza. Saggio sui Tantra, Bocca, Milão, 1949; tr. fr. Gabrielle Robinet, *Le Yoga tantrique, sa métaphysique, ses pratiques*, Fayard, Paris, 1971.
Orientamenti. Undici punti, «*Imperium*», Roma, 1950; tr. fr. Pierre Pascal, «Orientations», in Coll. *Julius Evola, le visionnaire foudroyé*, Copernic, Paris, 1977; 2.ª tr. fr. Philippe Baillet, *Orientations*, Pardès, Puiseaux, 1988.
Gli uomini e le rovine, Edizioni dell'Ascia, Roma, 1953; tr. fr. anónimo, *Les Hommes et les ruines*, Les Sept Couleurs, Paris, 1972; 2.ª tr. fr. Gérard Boulanger, *Les Hommes au milieu des ruines*, Pardès et Guy Trédaniel/ Éditions de la Maisnie, Puiseaux-Paris, 1984.
Metafisica del sesso, Atanor, Roma, 1958; tr. fr. Yvonne J. Tortat, *Métaphysique du sexe*, Payot, Paris, 1959; 2.ª tr, fr. Philippe Paillet, L'Âge d'Homme, Lausanne, 1989.
Il libro del Principio e della sua azione di Lao-Tze, Ceschina, Milão, 1959; tr. fr. Jean Bernachot et Philippe Baillet, *Le Taoïsme*, Pardès, Puiseaux, 1989.
I versi d'Oro pitagorei, Atanor, Roma, 1959.
L'«Operaio» nel pensiero di Ernst Jünger, Armando Editore, Roma, 1960.

Cavalcare la tigre, Scheiwiller, Milão, 1961; tr. fr. Isabelle Robinet, *Chevaucher le tigre*, La Colombe-Éd. Du Vieux Colombier, Paris, 1964; reed. Guy Trédaniel/Éd. de la Maisnie, Paris, 1982.
Il Cammino del Cinabro, Scheiwiller, Milão, 1963; tr. fr. Philippe Baillet, *Le Chemin du Cinabre*, Archè-Arktos, Milão-Carmagnole, 1982.
Il fascismo, saggio di una analisi critica dal punto di vista della Destra, Volpe, Roma, 1964 (edição aumentada em 1970 pelas *Note sul Terzo Reich*); tr, fr. Philippe Baillet, *Le Fascisme vu de droite*, seguido de *Notes sur le Troisième Reich*, «*Totalité*», Cercle Culture et Liberté, Paris, 1981; 2.ª tr. fr. (igualmente Philippe Baillet), Pardès, Puiseaux, 1993.
L'arco e la clava, Scheiwiller, Milão, 1968; tr. fr. Philippe Baillet, *L'arc et la Massue*, Guy Trédaniel-Pardès, Paris-Puiseaux, 1983.
Ur e Krur. Antologia, Tilopa, Roma, 1971; tr. fr. (em 4 volumes) Gérard Boulanger e Yvonne J. Tortat (para o vol. IV), *Ur et Krur. [Introduction à la magie]*, Archè, Milão, 1983-1986.
Meditazioni delle vette, Edizioni del Tridente, La Spezia, 1974; tr. fr. Philippe Baillet, *Méditations du haut des cimes*, Guy Trédaniel-Pardès, Paris-Puiseaux, 1986.
Ricognizioni. Uomini e problemi, Mediterranee, Roma, 1974; tr. fr. Philippe Baillet, *Explorations. Hommes et problèmes*, Pardès, Puiseaux, 1989.
Diorama filosofico, Edizioni Europa, Roma, 1974; tr. fr. H. J. Maxwell (reúne apenas cinco dos artigos desta recolha), *Métaphysique de la guerre*, Archè, Milão, 1980.
Simboli della Tradizioni Occidentale, Arthos, Carmagnole, 1977; tr. fr. H. J. Maxwell, *Symboles et «mythes» de la tradition occidentale*, Archè, Milão, 1980.
Orient et Occident, recolha completa dos textos escritos para a revista «East and West» entre 1950-1960; tr. fr. Bernard Dubant, Archè, Milão, 1982.
Scritti sulla Massoneria, Il Settimo Sigillo, Roma, 1984; tr. fr. François Maistre, *Écrits sur la Franc-Maçonnerie*, Pardès, Puiseaux, 1987.
L'Europe ou le déclin de l'Occident (Fundação Julius Evola, Roma, s. d.), Perrin & Perrin, Paris, 1997, tr. fr. Rémi Perrin.

II) Principais obras francesas consagradas a Julius Evola

Baillet, Philippe, *Julius Evola ou la sexualité dans tous ses «états»*, Hérode, Châlon-sur-Saône, 1995.

Boutin, Christophe, *Politique et Tradition. Julius Evola dans le siècle*, Kimé, Paris, 1992.

Vários (sob a direcção de Jean Mabire), *Julius Evola, le visionnaire foudroyé*, Copernic, Paris, 1977.

Vários, *Métaphysique et politique, René Guénon, Julius Evola*, «Politica Hermetica», n.º 1, L'Âge d'Homme, Lausanne, 1987.

Vários (sob a direcção de Arnaud Guyot-Jeannin), *Julius Evola*, L'Âge d'Homme, «Les Dossiers H», Lausanne, 1997.

Cologne, Daniel, *Julius Evola, René Guénon et le christianisme*, Eric Vatré, Paris, 1978.

Lippi, Jean-Paul, *Julius Evola, métaphysicien et penseur politique. Essai d'analyse structural*, L'Âge d'Homme, «Les études H», Lausanne, 1998.

Romualdi, Adriano, *Julius Evola, l'uomo e l'opera*, Volpe, Rome, 1968; tr. fr. Gérard Boulanger, *Julius Evola, l'homme et l'oeuvre*,Pardès-Guy Trédaniel/ Éditions de La Maisnie, Puiseaux-Paris, 1985.

Obras de Julius Evola traduzidas para português (n.t.)

Metafísica do Sexo, tr. de Fernando Ribeiro de Mello, Afrodite, 1976;

A Metafísica do Sexo, tr. de Elsa Teixeira Pinto, Vega, Lisboa, 1993.

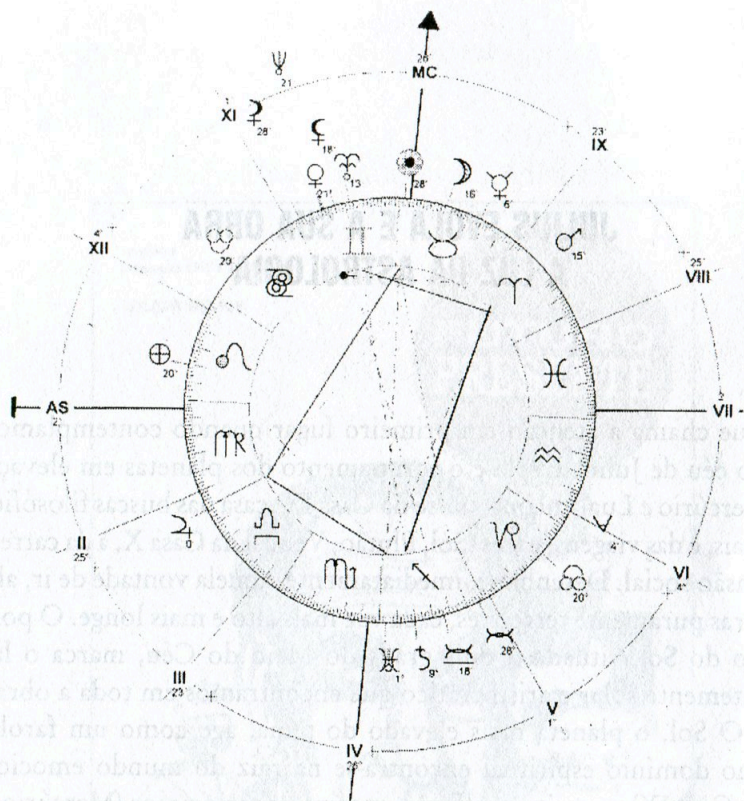
A Tradição Hermética, tr. de Maria Teresa Simões, Edições 70, Lisboa, 1979.

Revolta contra o mundo moderno, tr. de José Colaço Barreiros, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989.

O Mistério do Graal, Vega, Lisboa, 1978.

JULIUS EVOLA E A SUA OBRA À LUZ DA ASTROLOGIA

O que chama a atenção em primeiro lugar quando contemplamos a carta do céu de Julius Evola é o agrupamento dos planetas em elevação: dois (Mercúrio e Lua) encontram-se na Casa IX, casa das buscas filosóficas, espirituais, e das viagens, e três (Sol, Plutão, Vénus) na Casa X, a da carreira, da ascensão social. Desenha-se, imediatamente, aquela vontade de ir, além das esferas puramente terrestres, cada vez mais alto e mais longe. O ponto máximo do Sol, situado a dois graus do Meio do Céu, marca o lado eminentemente solar e aristocrático que encontramos em toda a obra de Evola. O Sol, o planeta mais elevado do tema, age como um farol. A busca no domínio espiritual encontra-se na raiz do mundo emocional (Lua na Casa IX) e suscita a reflexão, motiva os raciocínios (Mercúrio em IX, igualmente Mestre do Ascendente, reforçando também, se necessário fosse, as características descritas). O impulso para a transcendência impregna todas as esferas da vida interior. As aspirações profundas passam para primeiro plano e estimulam o Nativo. O comentário de Adriano Romualdi em *Julius Evola, o homem e a obra*, traduz da melhor maneira esse traço: «Mais do que um *guru*, é um aristocrata e quase – tendo em conta uma certa subtileza muito *antigo regime* – uma dessas figuras de viajante-filósofo do século XVIII.»

O outro elemento surpreendente é a predominância dos signos de terra, uma vez que o Sol, a Lua, Mercúrio e o Ascendente se encontram aí. A presença do Ascendente em Virgem dá o gosto pela aprendizagem, pelo saber intelectual. Facilita a capacidade de análise e dá um sentido crítico muito agudo. Os signos de terra tornam-no sensível à luta pela sobrevivência, o que pode frequentemente traduzir-se numa personalidade

materialista, mas, aqui, a Casa IX e o Meio do Céu vêm-se inserir no signo do Touro, ocupado pelos três planetas mencionados, tornando esta tendência para a sobrevivência mais subtil. O Touro incarna a força bruta, o poder, o esforço sustido, sem nunca serenar. É isto que leva o autor a pensar que a iniciação pode resultar unicamente da vontade e do esforço pessoais. O touro experimenta o desejo de se enraizar na terra. Assim transparece a busca da Tradição, reforçada pela presença de Saturno na Casa IV, planeta da ascese, do despojamento na Casa do lar, das origens.

Para além desta abundância de terra, a carta do céu estudada mostra uma carência de signos de água, levando a uma rejeição da sentimentalidade, uma incompreensão do mundo emocional. Eis por que, sem dúvida, Evola afirmava o seu «desapego do que é considerado como normal». Vénus em Gémeos também não se alimenta de sentimentos romanescos. Uma certa frieza e distância fazem-se notar aqui.

Marte na casa VIII, casa do oculto, da morte e da sexualidade, e em Carneiro, signo do combate, regido por Marte (Marte encontra-se aqui no seu domicílio), sublinha o aspecto guerreiro, as acções motivadas por um impulso conquistador, enquanto que Plutão na Casa X é o indicador das transformações, das mortes e renascimentos, sobretudo quando se associa a outros astros. Estes dois planetas, estando em sextil, comunicam as suas energias harmoniosamente. Assim, conquista e transformação unem-se, dando lugar à sexualidade de tipo tântrico.

Plutão encontra-se em oposição com Saturno, o que não deixa de ter efeito a nível dos acontecimentos, como veremos. Mas não podemos explicar a personalidade de Evola (mesmo a sua «impessoalidade activa que emergirá») sem prestar atenção à presença do Sol e de Urano nos ângulos. Estes dois planetas formam uma oposição dissociada, quer dizer, por degraus e não triplicidade (não apreciamos muito os aspectos dissociados geralmente porque eles não religam elementos similares ou em harmonia, mas a proximidade dos ângulos aqui leva-nos a tomar em atenção este aspecto), na Casa X e IV, as das aspirações e do mundo original. Urano, assinala a originalidade, o anticonformismo, as tomadas de posição totalmente contra as ideias recebidas. Simboliza uma energia súbita, violenta e esporádica. Dá ainda intuições geniais, diferentes das que são oferecidas por Neptuno, bem mais ao nível do vivenciado, enquanto que aqui se trata da esfera mental. Jean Mabire designa Evola pelo nome de «Visionário fulminado». Nenhuma outra expressão podia dar melhor conta deste lado uraniano: Evola era bem um visionário, incompreendido como o são geralmente os caracteres marcados por Urano, fulminado na sua carne – Urano está associado efectivamente ao trovão –, e fulminado na sua alma, raio iluminador.

No início dos anos vinte, quando Evola se encontra a braços com uma crise interior profunda, Saturno está próximo do seu Ascendente, configuração que provoca frequentemente interrogações, uma sensação de peso, mas ele forma também um trígono com os planetas de Touro, preparando o esboçar da estabilidade, da redescoberta das referências após a quadratura de Urano, muito desestabilizadora, e a de Neptuno, conduzindo à ilusão e por vezes às drogas, como no caso presente. A quadratura de Neptuno continua aliás nos anos 1923-1927, engendrando a busca de si mesmo e especulações diversas, e, no mesmo período, Urano

suporta essa busca em posição harmoniosa com os planetas em IX. Em 1927 Saturno passa a Casa IV e Urano deixa Peixes e a Casa VII para entrar na Casa VIII. É aqui que Evola se interessa de modo activo pelo esoterismo. O regresso de Saturno ao chegar ao terceiro decénio permite-lhe definir um novo limite e a passagem à acção pois Saturno a sustém pelo intermédio de Marte com o qual forma um trígono. O ciclo de Saturno marca sempre etapas importantes no curso de uma existência, determinadas pelo sector que ele ocupa e os planetas na Casa IX que reforçam então o interesse por valores de tipo superior.

Em 1930 Saturno forma um trígono com os planetas na casa IX, a realização de obras luminosas tem início, a afirmação de si é mais nítida, aspecto acentuado por Neptuno formando também um trígono com os planetas em Touro. Urano entra em Touro em 1935 e a sua passagem na Casa IX, e depois no Meio do Céu, traduz-se pelas actividades do autor durante a guerra. Evola não cessa de se afirmar e de conquistar. Acontece depois o acidente de 1945 no momento em que Urano forma uma oposição exacta com Saturno e uma conjunção a quatro graus de Plutão, estimulando a acção destes dois planetas. O ciclo está assim activado. Ao longo dos anos que se seguem, Saturno percorre a Casa XII, sinal de viragem sobre si mesmo. Saturno atinge o Ascendente como no início dos anos vinte mas, desta vez, trata-se de um Saturno que prepara *Os Homens entre as ruínas*, o do desapego. Evola dá outra reviravolta agindo sobre um plano ideológico com Urano na Casa XI, sector do colectivo e dos projectos, resultando em *Orientações*. Mas a revolta já não ruge mais do mesmo modo. Urano não domina mais o tema numa tal configuração. A acção exterior torna-se inútil. Apenas a contemplação se revela necessária

À data da sua morte, 11 de Junho de 1974, Saturno e Plutão formam uma quadratura exacta, Plutão está em conjunção com Júpiter, Mestre da Casa VII, frequentemente considerado como mortífero por oposição ao Ascendente.

Estudo astrológico realizado por Anne-Laure d'Apremont

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS CITAÇÕES

Introdução

[1] Éd. Vanni Scheiwiller, Milão, 1963; ed. fr. Archè-Arktos, Milão-Carmagnole, 1982, tradução Philippe Baillet, p. 7-8.
[2] *Ibid.*, p. 161.
[3] *Ibid.*, p. 6 e 7.
[4] *Ibid.*, p. 7.
[5] *Ibid.*, p. 9.
[6] *La Parole obscure du paysage intérieur*, poema a 4 voce con un saggio: «Sul significato dell'arte modernissima», Società Editrice Il Falco, Milão, 1981, p. 7.
[7] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 6.
[8] *Ibid.*, p. 7.
[9] *Ibidem*.

Primeira Parte: O jovem fascinado pelo absoluto (O tempo das crises e da formação)

Capítulo I: O artista iconoclasta

[10] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 11.
[11] *Ibidem*.
[12] *Ibid.*, p. 12.
[13] *Ibidem*.
[14] *Ibid.*, p. 9.

[15] *Ibid.*, p. 12-13.
[16] *Ibid.*, p. 12.
[17] *Ibid.*, p. 13.
[18] *Ibid.*, p. 14.
[19] Ed. Laterza, Bari, 1943, ed. fr. Adyar, Paris, 1956, e ed. Archè, Milão, 1976, tradução Pierre Pascal.
[20] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 14.
[21] *Ibidem.*
[22] *Ibid.*, p. 17.
[23] Ed. Vanni Scheiwiller, Milão, 1969.
[24] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 19.
[25] *Ibid.*, p. 20.

Capítulo II: O filósofo à margem da filosofia

[26] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 23.
[27] Ed. Atanor, Todi-Roma, 1925.
[28] *Ibid.*, p. 25.
[29] Fratelli Bocca Editori, Milão, 1949; ed. Fayard, Paris, 1984, p. 28, tradução Gabrielle Robinet.
[30] Fratelli Bocca Editori, Turino, 1927 e 1930.
[31] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 32-33.
[32] *Ibid.*, p. 33.
[33] Giovanni Volpe Editore; ed. Pardès, Puiseaux, e Guy Trédaniel/Edições La Maisnie, Paris, 1985, tradução francesa Gérard Boulanger, p. 35.
[34] Todi-Roma.
[35] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 29.
[36] Artigo reproduzido em Julius Evola, *Symboles et «mythes» de la tradition occidentale*, ed. Archè, Milão, 1980, tradução francesa H. J. Maxwell, p. 75-84, cit. p. 84.
[37] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 30.
[38] *Ibid.*, p. 28.

Capítulo III: O praticante de esoterismo

[39] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 77.
[40] *Ibidem.*
[41] *Ur et Krur [Introduction à la magie] Ur 1927*, tradução Gérard Boulanger, ed. Archè, Milão, 1983, p. 1-12, cit. p. 3.
[42] *Ibid.*, p. 5-6.
[43] *Ibid.*, p. 6.
[44] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 79.
[45] *Ibid.*, p. 82.
[46] Ed. Atanor, Todi-Roma, 1928; ed. Pardès, Puiseaux, 1993, tradução Philippe Baillet.
[47] *Ur et Krur [Introduction à la magie] Ur 1927*, *op. cit.*, p. 171-189, cit. p.172, sublinhado no texto.
[48] *Ibid.*, p. 177-178, sublinhado no texto.
[49] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit*, p. 87.
[50] *Ibid.*, p. 85.

Segunda parte: A águia entre as águias
(O tempo das lutas e da acção)

Capítulo I: O polemista do alto d'A Torre

[51] «Signification de l'aristocratie», in *Ur et Krur [Introduction à la magie] Krur 1929*, tradução Gérard Boulanger, ed. Archè, Milão, 1983, p. 41-54, cit. p. 41, sublinhado no texto.
[52] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 93.
[53] *Ibidem.*
[54] Citado em *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 94.
[55] *Ibidem.*
[56] *Idem*, p. 95.
[57] «Tempête sur le Mont Rose» (*Roma*, Nápoles, 30 de Agosto de 1955) in *Méditations du haut des cimes*, ed. Pardès, Puiseaux, e Guy Trédaniel, Paris, 1986, tradução Philippe Baillet, p. 135-139, cit. p. 139.

[58] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 99.
[59] Ed. Laterza, Bari, 1931; ed. Chacornac, Paris, 1968, e Éditions Traditionnelles, Paris, 1972, tradução Yvonne J. Tortat.
[60] Ed. Bocca, Turino, 1932; Éditions de L'Homme, Montreal, 1972, tradução Pierre Pascal, e ed. Pardès, Puiseaux, 1991, tradução Philippe Baillet.

Capítulo II: O gibelino revoltado

[61] Hoepli, Milão, 1934; Éditions de l'Homme, Montreal, 1972, tradução Pierre Pascal, e Éditions L'Âge d'Homme, Lausanne, 1991, tradução Philippe Baillet.
[62] *Révolte contre le monde moderne*, *op. cit.*, «Introduction», p. 23-33, cit. p. 28, sublinhado no texto.
[63] *Ibid.*, p. 385.
[64] *Révolte contre le monde moderne*, *op. cit.*, «Introduction», p. 24.
[65] Ed. Laterza, Bari, 1937; Éditions Traditionnelles, Paris, 1967, tradução Yvonne J. Tortat.

Capítulo III: O companheiro marginal

[66] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 133.
[67] Ed. Hoepli, Milão, 1941.
[68] Ed. Conte, Nápoles, 1941; ed. Pardès, Puiseaux, 1984, tradução Gérard Boulanger.
[69] *Op. cit.*, p. 156.
[70] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p.145.
[71] *Ibid.*, p. 135.
[72] *Ibid.*, p. 137.
[73] *Op. cit.*, p. 159.
[74] «Journal 1943-1944 (du 25 juillet à la prise de Rome)», in *Totalité* n.º 21/22, Outono de 1985, p. 45-69, cit. p. 57.
[75] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 160.
[76] «Journal 1943-1944», cit. p. 65.
[77] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 132

Terceira parte: O Guerreiro imóvel
(O tempo do desapego e da contemplação)

Capítulo I: O sobrevivente num mundo de ruínas

[78] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 162.
[79]. *Ibidem.*
[80] Edições Bocca, Milão.
[81] Edições Europa, Roma, 1971, e ed. Pardès, Puiseaux, 1988, p. 41, tradução, apresentação e notas de Philippe Baillet.
[82] «Autodéfense», in *Totalité*, n.º 21/22, p. 76-93, cit. p. 77.
[83] Idem, p. 86.
[84] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 165.
[85] *Les Hommes au milieu des ruines*, ed. Pardès-Guy Trédaniel/Éditions de la Maisnie, Puiseaux-Paris, 1984, tradução revista, corrigida e completada por Gérard Boulanger, p. 29, sublinhado no texto.
[86] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 174.

Capítulo II: O metafísico do sexo

[87] Prefácio a *Déclin de l'Occident*, in Julius Evola, *L'Europe ou le déclin de l'Occident*, ed. Perrin et Perrin, Paris, 1997, tradução Rémi Perrin, p. 19-30, cit. p. 26.
[88] *Ibid.*, p. 20.
[89] Edições Atanor, Roma; tr. fr.: Payot, Paris, 1959, tradução Yvonne Tortat, e L'Âge d'Homme, Lausanne, 1989, tradução Philippe Baillet.
[90] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 180
[91] *Ibidem.*
[92]. *Métaphysique du sexe*, *op. cit.* p. 7 e 8.
[93] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 181.
[94] *Métaphysique du sexe*, *op. cit.* p. 8.
[95] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 181.
[96] *Métaphysique du sexe*, *op. cit.* p. 64.
[97] *Ibidem.*

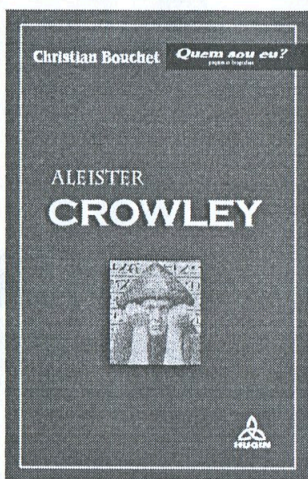
[98] *Op. cit.*, p. 219, sublinhado no texto.
[99] *I Versi d'Oro pitagorei*, Edições Atanor, Roma, 1959.
[100] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 189 e p. 190.
[101] *Le Taoïsme*, Pardès, Puiseaux, 1989, tradução Jean Bernachot e Philippe Baillet, p. 11.
[102] Ed. Vanni Scheiwiller, Milão, 1961; ed. fr. La Colombe/Éd. Du Vieux Colombier, Paris, 1964, e Guy Trédaniel/Éd. de le Maisnie, Paris, 1982, tradução Isabelle Robinet.
[103] *L'«Operaio» nel pensiero di Ernst Jünger*, Armando Editore, Roma, 1960.

Capítulo III: O vencedor do Tigre

[104] *Chevaucher le tigre*, *op. cit.*, p. 9.
[105] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 195, sublinhado no texto.
[106] *Chevaucher le tigre*, *op. cit.*, p. 17.
[107] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, p. 187.
[108] *Ibidem*, p. 197.
[109] *Chevaucher le tigre*, *op. cit.*, p. 217.
[110] *Ibidem*, p. 216.
[111] *Ibidem*, p. 215.
[112] *Le Chemin du Cinabre*, *op. cit.*, «Avertissement», p. 3.
[113] Volpe Editore, Roma, 1964; tr. fr. *Le Fascisme vu de droite*, suivi de *Notes sur le Troisième Reich*, «Totalité», Cercle Culture et Liberté, Paris, 1981, tradução de Philippe Baillet, e ed. Pardès, Puiseaux, 1993, tradução revista por Philippe Baillet.
[114] *Le Fascisme vu de droite*, *op. cit.*, p. 23.
[115] Ed. Vanni Scheiwiller, Milão, 1968.
[116] O leitor pode ainda consultar, em português: «Breve nota sobre a vida e a obra de Julius Evola», in Julius Evola, *Revolta contra o mundo moderno*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989 (n.t.).

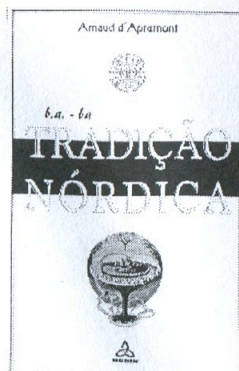
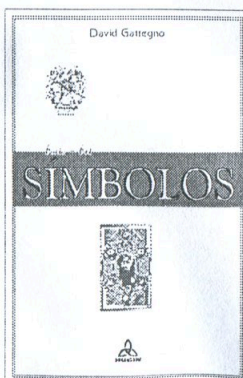
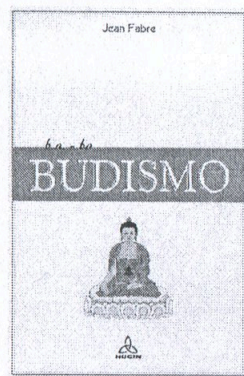
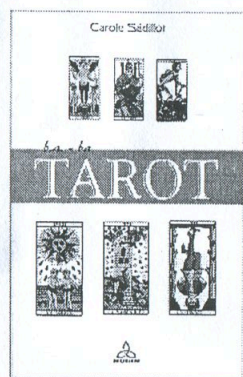
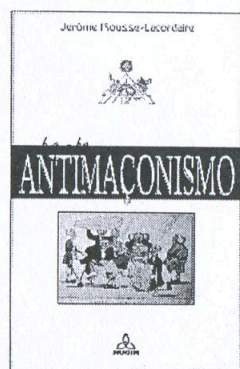
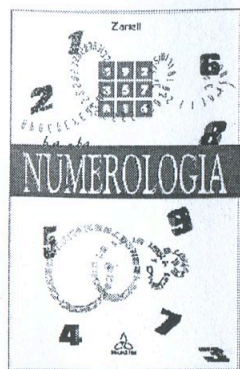
Nesta colecção...

ALEISTER CROWLEY
(1875-1947)

Este Crowley (*Quem sou eu?*) apresenta-nos um homem de múltiplas facetas: alpinista e xadrezista de renome, poeta reconhecido, grande viajante, pintor descontertante, militante a favor da independência da Irlanda, autor de romances, de peças de teatro, de cenários, grande sedutor, e, sobretudo, mágico!

Neste Quem sou eu?, o autor que consagrou um doutoramento a Aleister Crowley e seus discípulos apresenta uma biografia daquele a quem os fiéis chamavam o Mestre Thérion, uma análise precisa do seu pensamento e mostra como este teve uma influência não negligenciável sobre certos aspectos da cultura moderna (rock'n roll, LSD, novos movimentos religiosos, etc.).

Descobre-se que Aleister Crowley foi mago de numerosas personalidades que se interessaram pelo ocultismo, de Henry Miller a Fernando Pessoa passando por Auguste Rodin, que contou entre os seus discípulos com Ron Hubbard, fundador da Cientologia, que propôs um messianismo próximo do Nova Era, que achou que rivalizava com Krishnamûrti, etc.

No virar do milénio, enquanto as mais loucas ideias são sustentadas com seriedade, a magia de Aleister Crowley aparece, em definitivo, como mais racional do que se imagina e de natureza a carrear respostas aos que buscam "ver Deus face a face". Neste contexto, é merecedor do nosso interesse.

Colecção B. A. - BA

Próximas edições:

Astrologia Chinesa
Vampiros
Feitiçaria
Samurai
Quirologia Chinesa
Cavalaria

Julius Evola
(1898-1974)

Desaparecido há um quarto de século, Julius Evola permanece um autor inclassificável segundo os critérios comuns: membro eminente da *Escola da Tradição* (tal como René Guénon ou Frithjof Schuon), metafísico, notável conhecedor das disciplinas esotéricas do Oriente e do Ocidente.

«Apenas conta a silenciosa resistência de um pequeno número, cuja presença impassível de "convivas de pedra" permita criar novas relações, novas distâncias, novos valores e constituir um pólo que, embora não impedindo este mundo de alucinados de ser o que é, transmitirá, todavia, a alguns a sensação da verdade – sensação essa que será talvez o início de alguma crise libertadora.»

Ele foi também um doutrinador do *radicalismo de Direita* e um homem comprometido com os combates do seu tempo, ao ponto de tomar explicitamente partido, durante a guerra, pelo fascismo e pelo Eixo.

Mas catalogá-lo, sem mais precauções, entre os pensadores "fascistas" constitui um absurdo, ainda que alguns achem sempre mais confortável colar etiquetas maledicentes do que dar-se ao trabalho de pensar.

Este Evola (*Quem sou eu?*), ao contrário dessa atitude «politicamente correcta» mas intelectualmente ineficaz, tem por objectivo apresentar, na sua *dupla verdade* de homem e pensador, aquele que foi um autêntico *revoltado contra o mundo moderno*. Traça-se aqui o percurso, desde o «ponto zero» do dadaísmo até à posse do «cinábrio», quer dizer até ao acesso à *sabedoria contemplativa*.

A leitura desta biografia permitirá, sem dúvida, tomar consciência do facto de que se Julius Evola, segundo a expressão consagrada, «se sente enxofre», é preciso entendê-lo na acepção alquímica da fórmula.